

FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN - FAMECOS
JORNALISMO

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**O USO DE GRÁFICOS E DADOS NO JORNALISMO CONTEXTUAL DO NEXO NA
EDITORIA SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016**

Porto Alegre
2019

GRADUAÇÃO



Pontifícia Universidade Católica
do Rio Grande do Sul

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL
FACULDADE DE COMUNICAÇÃO, ARTES E DESIGN – FAMECOS

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**O USO DE GRÁFICOS E DADOS NO JORNALISMO CONTEXTUAL DO NEXO NA
EDITORIA SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016**

Porto Alegre

2019

DIEGO FREITAS IRIBARREM ICART FURTADO

**O USO DE GRÁFICOS E DADOS NO JORNALISMO CONTEXTUAL DO NEXO NA
EDITORIA SOBRE OS JOGOS OLÍMPICOS DE 2016**

Trabalho de Conclusão de Curso, apresentado como requisito parcial para a obtenção do grau de Bacharel em Jornalismo pela Faculdade de Comunicação, Artes e Design -FAMECOS da Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul.

Orientador: Dr. Moreno Cruz Osório

Porto Alegre

2019

RESUMO

A pesquisa analisa de que maneira o uso de gráficos e dados auxilia no jornalismo contextual do Nexo Jornal na editoria dos Jogos Olímpicos de 2016. O levantamento teórico tem como base as mudanças do jornalismo, como a caracterização e definição do jornalismo contextual, modelo que surge com um produto do jornalismo pós-industrial. Busca-se na interatividade proporcionada pela conexão à internet uma reflexão sobre o potencial sobre jornalismo de dados e sua da visualização enquanto personalização do conteúdo. Defende-se também, o uso de dados no jornalismo como uma forma de estabelecer parâmetros para uma realidade cada vez mais complexa, estudando o potencial de gerar contextos personalizados através desses dados. Dessa forma, utilizando os critérios de jornalismo contextual, interatividade, jornalismo de dados e visualização de dados é criada uma metodologia que analisa as matérias do Nexo Jornal de maneira autoral.

Palavras-chave: jornalismo contextual; visualização de dados; interatividade; jornalismo de dados; Nexo Jornal.

THE ABSTRACT

The research examines how the use of charts and data assists in the contextual journalism of the Nexo in the 2016 Olympic Games. The theoretical survey is based on changes in journalism, such as the characterization and definition of contextual journalism, a model that emerges with a product of post-industrial journalism. The interactivity provided by the internet connection is a reflection on the potential of data journalism and its visualization as a personalization of the content. The use of data in journalism is also defended as a way to establish parameters for an increasingly complex reality, studying the potential of generating customized contexts through this data. Thus, using the criteria of contextual journalism, interactivity, data journalism and data visualization, a methodology is created that analyzes the Nexo material in an authorial way.

Keywords: contextual journalism; data visualization; interactivity; data journalism; Nexo Jornal.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Pirâmide de Fluxos e Estoques.....	29
Figura 2: Texto de apresentação da matéria.....	33
Figura 3: Comparação em relação a renda brasileira.	34
Figura 4: Comparação em relação a renda estadual.	35
Figura 5: Ranking do rendimento médio por estado.....	35
Figura 6: Comparação em relação ao salário do deputado.....	36
Figura 7: Comparação entre profissões no estado.....	37
Figura 8: Metodologia da matéria.....	38
Figura 9: Sistema linkorious	41
Figura 10: Pirâmide invertida do jornalismo de dados.....	43
Figura 11: Jhon Snow's cholera map - Tradução: Mapa da cólera de Jhon Snow....	46
Figura 12: Medalhas do país por ano.....	51
Figura 13: Visualização do quadro de medalhas.....	52
Figura 14: Visualização do quadro proposto pela matéria através do filtro “Região Sul”.	56
Figura 15: Visualização da matéria com as variáveis de peso e altura.	60

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	8
2	JORNALISMO CONTEXTUAL COMO PRODUTO DO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL	10
2.1	AS CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL	11
2.2	JORNALISMO CONTEXTUAL: HISTÓRICO E DEFINIÇÃO	17
3	O POTENCIAL DA INTERATIVIDADE PARA O JORNALISMO CONTEXTUAL	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
3.1	A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU PAPEL NA INTERATIVIDADE ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.	
3.2	A INTERATIVIDADE E PERSONALIZAÇÃO ENQUANTO CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO	31
4	O JORNALISMO CONTEXTUAL BASEADO EM DADOS E VISUALIZAÇÃO	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
4.1	JORNALISMO DE DADOS PARA UMA SOCIEDADE COMPLEXA	39
4.2	A VISUALIZAÇÃO DE DADOS PARA ENXERGAR A COMPLEXIDADE SOCIAL	44
5	METODOLOGIA E ANÁLISE	ERRO! INDICADOR NÃO DEFINIDO.
5.1	ANÁLISE DE REPORTAGEM “QUEM GANHOU MAIS MEDALHAS OLÍMPICAS? COMPARE PAÍSES”	51
5.1.1	Como os dados, interação e visualização geram contexto	53
5.1.2	O objetivo de gerar contexto através de dados, interação e visualização de dados é atingido?	54
5.2	ANÁLISE DA REPORTAGEM: “POR QUEM ESTAMOS TORCENDO NOS JOGOS OLÍMPICOS?”	55
5.2.1	Como os dados, interação e visualização geram contexto	57
5.2.2	O objetivo de gerar contexto através de dados, interação e visualização de dados é atingido?	Erro! Indicador não definido.
5.3	ANÁLISE DA REPORTAGEM: “QUAL ESPORTE COMBINA MAIS COM MEU CORPO?”	59
5.3.1	Como os dados, interação e visualização geram contexto	60

5.3.2	O objetivo de gerar contexto através de dados, interação e visualização de dados é atingido?	61
6	CONSIDERAÇÕES FINAIS	63
7	REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	65

1 INTRODUÇÃO

Problemas com o excesso de conteúdo e informação, trabalhar o contexto no qual estamos inseridos e complexidade de um mundo globalizado são fatores que desafiam cada vez mais o jornalismo. Através do diagnóstico proposto pelo relatório de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), é possível afirmar que o campo jornalístico está em constantemente transformação. Entre essas modificações estão o surgimento de novos veículos de comunicação, que possuem um ritmo autoral e próprio quando comparado aos demais.

Entendendo os elementos do jornalismo industrial (BRUNS, 2014) e sua transição para o pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), esses novos veículos surgem com recursos que buscam dar respostas às necessidades da sociedade contemporânea. De acordo com Prazeres (2018), esses elementos correspondem ao que é denominado jornalismo lento, uma vez que estejam opostos à velocidade que caracteriza, em geral, o fluxo informacional atual. Nesse ponto, o diferencial dessa corrente de jornalismo é reunir elementos que atribuem profundidade às reportagens em um ritmo próprio, contrapondo o ritmo do jornalismo em tempo real (RAMONET, 1999).

Entre essas características propostas pelo jornalismo lento (PRAZERES, 2018), foram selecionadas quatro áreas para serem trabalhadas ao longo do trabalho: jornalismo de dados, interatividade, visualização de dados e contexto. Essas áreas serão baseadas nos seguintes autores: jornalismo de dados (MEYER, 1991), (BRADSHAW, 2011), interatividade (BARRETO, 2002), (CANAVILHAS, 2014), visualização de dados (CAIRO, 2016) e jornalismo contextual (FINK; SCHUDSON, 2014).

O objetivo da pesquisa é analisar de que maneira o jornalismo contextual é potencializado através da interatividade ao utilizar a visualização de dados. O veículo escolhido para análise de pesquisa foi o Nexô, jornal digital que possui um ritmo próprio de produção de notícias, baseado em jornalismo lento (PRAZERES, 2018). O recorte feito para pesquisa é a editoria denominada “Os jogos olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo” composta por 59 matérias. Dessas, apenas três possuem elementos de interatividade e visualização de dados, e por isso foram escolhidas para a análise.

Ao longo do trabalho, existe a preocupação de definir jornalismo contextual (FINK; SCHUDSON, 2014), uma vez que ele é objeto de disputa por parte de outras

correntes teóricas, como jornalismo explicativo (FORDE, 2007) e interpretativo (SALGADO, 2011). A partir disso, o desenvolvimento do diálogo entre interatividade, jornalismo de dados (BRADSHAW, 2011) e visualização de dados (CAIRO, 2016) acontece, busca definir e estruturar um conhecimento que possibilite a formulação de relações entre essas diferentes áreas do conhecimento na etapa de análise.

Chegando na análise, a editoria “Os Jogos Olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo” será analisada em processos que façam sentido dentro do critério estruturado. Primeiro, será descrito o processo por trás de cada matéria na visão jornalística. Em um segundo momento a análise será construída através da relação entre dados, interação e visualização e de que maneira é construído o contexto da matéria. Por último, é feita uma reflexão que busca compreender se o contexto enquanto objetivo é atingido ou não, uma vez que a matéria possua todos esses elementos.

Cabe ressaltar que a editoria escolhida como recorte para este trabalho conta com matérias que utilizam gráficos e dados com propostas interativas. Nesse sentido, possuem um grande potencial de fornecer contexto para o seu leitor, possibilitando que ele absorva a informação de acordo com o seu interesse e contexto. Portanto, outro objetivo da pesquisa é entender de que forma a visualização de dados gerada através da interatividade pode gerar um contexto único enquanto consumo da informação.

Por fim, o presente trabalho é resultado de uma série de questionamentos do autor, que esteve em contato com conteúdos baseados em dados ao longo da trajetória acadêmica e sentiu a necessidade de trazer o respectivo corpo de pesquisa como oportunidade de discutir procedimentos jornalísticos que fogem do tradicional. A abordagem do jornalismo contextual, jornalismo de dados, interatividade e visualização de dados são temáticas específicas que, ao serem sistematizadas e organizadas, geram perguntas que contribuem para o caráter singular do trabalho.

2 JORNALISMO CONTEXTUAL COMO PRODUTO DO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL

Atualmente, passamos por um momento pós-industrial do jornalismo (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), que tem como característica a reformulação na distribuição de notícias e conteúdo. Fruto dessa reformulação, surgem movimentos que se opõem ao jornalismo desenvolvido em tempo real (RAMONET, 1999), característica do modelo industrial (BRUNS, 2014).

Outra transição acontece enquanto conceito, perdendo o controle sobre determinar o que é ou não notícia, existe uma transição do conceito de *gatekeeper* (WHITE, 1950) para *gatewatching* (BRUNS, 2014) em um contexto de internet, marcado por um fluxo de informações complexo (JENKINS, 2015). Assim como o fetiche pela velocidade (MORETZSOHN, 2002) perde espaço para o jornalismo lento, movimento que busca aprofundar o contexto das informações e capacidade de reflexão do jornalismo (PRAZERES, 2018).

Neste capítulo, o objetivo é entender o contexto pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) baseado na economia da atenção (SIMON, 1969). Nessa perspectiva, busca-se a definição do jornalismo contextual (FINK; SCHUDSON, 2014) enquanto gênero jornalístico e seu espaço como uma das características do jornalismo lento (PRAZERES, 2018).

2.1 AS CARACTERÍSTICAS DO JORNALISMO PÓS INDUSTRIAL

Para introduzir os elementos do jornalismo contextual, vamos utilizar argumentos e reflexões apresentadas no dossiê Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Esse documento foi feito a partir de questionamentos em relação à mídia norte-americana, mas reflete preocupações comuns ao jornalismo contemporâneo. Os autores são taxativos em relação ao material produzido: “Não é [...] um documento sobre o ‘futuro da indústria jornalística’. Primeiro, porque boa parte desse futuro já chegou. E, segundo, porque já não há mais uma indústria jornalística, por assim dizer” (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013, p. 32).

A afirmação de que não existe mais uma indústria remete ao jornalismo feito e distribuído no século 20, modelando o aspecto industrial citado no relatório. No passado, grupos menores e produtores independentes não eram capazes de competir

com grandes empresas de comunicação em função da ausência de recursos técnicos e financeiros. Veículos de grande estrutura historicamente levaram vantagem em relação aos pequenos, que não tinham como criar um produto competitivo para concorrer com o modelo de negócios da época, que priorizava a cobertura midiática de massa (RAMONET, 1999).

Analisando o século 20 como um importante período histórico no qual jornal diário, rádio e televisão foram predominantes (DIAS, 1999), pode-se considerar os critérios editoriais e a filtragem de notícias feitas pelo jornalista como uma das características do jornalismo industrial (BRUNS, 2014). De acordo com Dias (1999), o longo do século 20, a imprensa assumiu o papel de promover o diálogo como um grupo de pessoas instruídas e capazes de falar sobre qualquer assunto, enquanto a audiência assumia um papel passivo sem interagir.

Esse fluxo de informação nos propõe pensar sobre o conceito de *gatekeeping* (WHITE, 1950), que coloca o jornalista como mediador do debate público, definindo o que era importante ou não através de critérios previamente estabelecidos. White organizou a teoria em função da subjetividade no processo de escolha do que seria relevante, como um guardião dos portões que permite a entrada ou não de uma notícia. Para Bruns, essa organização do *gatekeeper* é exemplo de um jornalismo industrial pelas suas limitações impostas no processo de seleção dessas notícias, pois quanto menor a quantidade de veículos e pessoas, maior o poder. Em contraponto, à medida que o número de informantes e canais aumenta, a informação é descentralizada e o poder diminui, o que nos remete ao jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Como *gatekeeper* o jornalista divide essa ação em três momentos: a entrada, a produção e a resposta. Na etapa de entrada é onde acontece o filtro do que merece ou não cobertura. Nesse momento, os jornalistas já pensam no que pode ser destaque do veículo, ou seja, está preocupado com a visibilidade em relação ao conteúdo que foi escolhido. Entrando na etapa de produção é o momento no qual os editores aplicam seus filtros e escolhas em relação às matérias. Aqui, os critérios são feitos de acordo com os próprios editores e refletem suas crenças em relação ao público. Por último, acontece a etapa de resposta por parte da audiência em relação ao conteúdo que foi selecionado. São comentários e reações que, através da mediação de jornalistas, podendo integrar ou não o jornal no dia seguinte (BRUNS, 2014).

Para Bruns (2014) o conceito de *gatekeeper* deve ser repensado a partir do momento que a produção de conteúdo deixa de ser centralizada no jornalista ou em veículos de comunicação. Além disso, cabe ressaltar que o modelo de *gatekeeper* favorece o jornalismo enquanto sistema e fluxo de informação linear, colocando o jornalista e editor como figuras determinantes em todo o processo, evidenciando a hierarquia do modelo industrial. Argumento que reforça essa reestruturação e reformulação do papel de *gatekeeper* está presente no livro *Cultura da Convergência* quando Jenkins argumenta que o termo precisa ser repensado pois ainda existe um papel do *gatekeeper* enquanto ator social, resta definir e entender melhor qual é esse papel.

Entendendo a maneira que o crescimento da internet, mídias sociais e tecnologias impactou o modo de consumir e produzir notícias, Bruns (2014) defende que houve uma ruptura no processo tradicional, descentralizando a informação e a produção de conteúdo, características que também estão presentes na visão pós-industrial do jornalismo (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013). Esses novos modelos são muito mais participativos por parte da audiência através de Facebook, Twitter e outras redes sociais que permitam interação direta entre audiência e o produtor de conteúdo. O reposicionamento do jornalista como um observador das interações e das informações que circulam na rede é o cerne do conceito de *gatematching* proposto por Bruns.

Ao perceber o fluxo intenso de informações com diversos agentes envolvidos – públicos, políticos, empresas e atores – na produção de informações, observa-se uma mudança do papel do jornalista enquanto profissional. Trata-se de observar as redes virtuais, analisando os diferentes canais por onde passam as informações e interações, assumindo, assim, o papel de *gatematching*. Além disso, esse momento pós-industrial favorece o público, oferecendo-lhe um poder muito maior.

Entendendo a transição entre o jornalismo industrial para o pós-industrial, existe uma mudança na dinâmica da comunicação que agrava uma das principais características do jornalismo enquanto profissão: a velocidade. Para Moretzsohn (2002), trata-se de um verdadeiro fetiche pela velocidade, caracterizado pela necessidade de dar a notícia e cobrir o fato, ignorando o que aconteceu antes ou depois, causando uma ansiedade em relação aos acontecimentos e priorizando a instantaneidade, não a reflexão.

Priorizar a velocidade da comunicação gera uma consequência para o modelo de negócios que, segundo Ramonet (1999), se baseia no consumo de informações

em tempo real. Em um modelo industrial no qual existiam poucos concorrentes e produtores de informação, é possível considerar a velocidade como um diferencial competitivo, tendo em vista que existia um número limitado de atores nesse cenário. Entretanto, ao entrar no modelo de negócios digital no qual a informação é abundante, a velocidade começa a se tornar um problema. Dentre as consequências está o paradoxo do preço de informação, exposto por Jeff Jarvis no texto *The Pricing Paradox of Information*.

[...] o que você está vendendo não é tanto informação quanto velocidade. Aqui nos deparamos com o fator tempo no paradoxo da informação: quanto mais valiosa a informação, mais rapidamente ela vai se espalhar e quanto mais rápido ela se espalha, menos valiosa ela se torna. Onde isso nos deixa? Isso nos deixa com a necessidade de considerar novas formas de conceber mídia, audiência, conteúdo e propriedade intelectual (JARVIS, 2015).

Essa afirmação explica que a velocidade da informação não é um diferencial, mas o tratamento e reflexão que fazemos dela sim. Ao falar sobre esse problema e focar em conteúdo, Jarvis (2015) sugere que o jornalismo priorize sua capacidade de reflexão, sem abrir mão da inovação como um de seus diferenciais para engajar diferentes públicos. Definições e argumentos como esses são necessários para estabelecer novos parâmetros de bom jornalismo, deixando de colocar a velocidade como prioridade, atributo que caracteriza a ideia de instantaneidade e que esteve ligada ao jornalismo historicamente.

Considerando o alto fluxo de informações (JENKINS, 2009) e a velocidade como problemas, cabe ao jornalismo entender o contexto pós-industrial e se adaptar. Essa oportunidade em relação aos fluxos de informações criam a necessidade de conteúdos que organizem acontecimentos, narrativas e fatos, papéis que podem ser exercidos pelo *gatewatching*. Desenvolvendo assim, um modelo de jornalismo pós-industrial que favoreça entender a complexidade do mundo no qual estamos inseridos.

Parte desse processo de mudança do jornalismo industrial para o pós-industrial passa por uma transição do conceito de *gatekeeping* para o de *gatewatching* (BRUNS, 2014), ou seja, deixar de acreditar que é um guardião do conteúdo e entender que sua função é olhar o que está acontecendo, estruturando e dando sentido à informação. Tentar dizer o que é ou não importante através da velocidade deixou de ser uma função de veículos que lidam com diversos assuntos ao mesmo tempo e tratam a realidade através de uma perspectiva universalista. Para Bruns, o ponto forte

da comunicação que conhecemos hoje é o alto nível de especificidade de veículos menores para falar sobre um determinado tema ou recorte factual.

Exemplo desse processo de especificação da informação é o aumento de contexto e dados sobre um acontecimento, servindo como uma adaptação de narrativas ao enfrentar a pós-verdade, momento no qual os fatos perderam força em detrimento de convicções e crenças pessoais. O jornalismo como modelo pós-industrial busca novas formas de gerar conteúdo em resposta à desinformação e busca na originalidade um dos princípios. Nesse sentido, o conceito de *gatematching* (BRUNS, 2014) ganha espaço e deixa de colocar o jornalista como único responsável pela mediação, fazendo com que ele ainda seja uma figura essencial, mas preocupada em conectar fatos e aprofundar matérias através de novas ferramentas e possibilidades.

Esse processo coloca a profissão em uma busca por inovação. Percebendo que o mercado, redes sociais e internet mudam o tempo todo e acabam transformando a forma na qual consumimos o jornalismo, a necessidade de atualização de ferramentas e tecnologias está cada vez mais intrínseca à profissão, aliada à sua capacidade crítica. Nesse sentido, o uso de dados e ferramentas que sejam cada vez mais precisas estão em crescimento devido ao seu potencial de fornecer contexto para a informação.

Entre os principais diagnósticos feitos pelo relatório do jornalismo pós-industrial está o aumento de veículos, fontes de informações e diversidade de mercado. Nesse ponto, o relatório afirma que será muito mais complicado um grande jornal manter um grande público, a tendência é veículos segmentarem sua audiência devido ao fluxo intenso de informações, que só tende a aumentar, impactando diretamente na maneira em que consumimos conteúdo. Buscando entender as consequências de um volume maior de informações, é possível recorrer Hebert A. Simon (1969), autor que sintetiza a principal consequência desse fluxo intenso de dados, que posteriormente ganhou forma no que conhecemos hoje pelo conceito de “economia da atenção” (SIMON, 1969, p. 40).

Agora, quando falamos de um mundo rico em informação, podemos esperar, analogamente, que a riqueza da informação signifique uma escassez de algo mais - uma escassez de tudo o que a informação consome. O que a informação consome é bastante óbvia: consome a atenção de seus destinatários. Assim, uma riqueza de informações cria uma pobreza de atenção e uma necessidade de alocar essa atenção eficientemente entre a superabundância de fontes de informação que poderiam consumi-la”.

A atenção do público se tornou um objetivo a ser conquistado e, com isso, estratégias questionáveis como *clickbait* (CHAKRABORTY, 2016) e sensacionalismo (ANNE, 2007) acabaram por ganhar mais espaço. Com isso, movimentos como o jornalismo cotidiano e *hard news* acabam enfraquecidos em função do excesso de informação, devido à sua desvalorização. Com isso, deixa-se de abordar as consequências dos fatos para reportar apenas informações superficiais em tempo real. Muitas vezes o jornalismo acaba simplesmente publicando de maneira integral o que a fonte diz, ganhando aspectos do que é chamado de oficialismo, ou jornalismo declaratório, uma vez que não reflete sobre o que está publicando. Todas essas características são elementos diagnosticados pelo relatório de jornalismo pós-industrial e nos últimos anos ganharam resposta de formatos que buscam reter a atenção do leitor e funcionam em um ritmo mais lento.

Essa necessidade de alocar a atenção de maneira eficiente caracterizada por Simon (1969) gerou movimentos que são diretamente opostos à velocidade e à aceleração da informação no século 21. São alternativas diretamente opostas ao *clickbait* (CHAKRABORTY, 2016), sensacionalismo (ANNE, 2007) e ao jornalismo em tempo real (RAMONET, 1999). Trata-se do movimento denominado *slow media* (RAUCH, 2011) que teve desdobramentos no *slow journalism* (LE MASURIER, 2015). O *slow media* é uma iniciativa que visa diminuir a influência de dispositivos digitais no cotidiano na comunicação como um todo, buscando reter o máximo da atenção de seu consumidor final, enquanto o *slow journalism* não visa abrir mão de recursos digitais. Trata-se apenas de uma alternativa ao ritmo de consumo da informação que busca a reflexão e a profundidade do conteúdo.

Aprofundado os conceitos, o movimento de *slow media* considera que o consumo de informação deve ser feito sem dividir a atenção com outras distrações. Quando se lê um livro, assiste-se um filme ou até mesmo consome conteúdo digital, deve-se extrair o máximo da experiência enquanto consumo, é uma verdadeira busca por experiências únicas ao vivenciar o tempo presente (RAUCH, 2001). Para o *slow journalism* (LE MASURIER, 2015) essa proposta aparece de maneira diferente, surge como uma necessidade de propor soluções para a nova configuração do jornalismo online, fazendo com que o jornalismo rápido e lento coexistam. Rápido em seu espaço tempo, uma vez que a velocidade da comunicação externa ao jornalismo não para e os fatos acontecem de maneira independente, mas lento em sua reflexão, pois exige

distanciamento do objeto e surge como uma nova possibilidade de consumo da informação.

Para Prazeres (2018), ao analisar o veículo brasileiro Nexo, por exemplo, a autora cita as seguintes características de jornalismo lento: investigação, explicação, interpretação, checagem, precisão, confiança, credibilidade, uso de mídias independentes, prosumers, visualização simplificada de dados, contextualização e multimídia. Todos esses adjetivos e classificações servem como exemplo de resposta aos novos problemas enfrentados pelo jornalismo (PRAZERES, 2018) na era da economia da atenção (SIMON, 1969).

Esses aspectos, citados no parágrafo anterior, visam dar resposta ao modelo de produção de notícias industrial, combatendo o fetiche pela velocidade e promovendo soluções ao paradoxo apresentado por Jarvis. Resgatando Bruns (2014), que utiliza o *gategatching* como uma possível solução, existem outros autores que também propõem uma visão do jornalista no processo de curadoria. Meyer (2002), por exemplo, utiliza o processamento de dados e interpretação de jornalistas como possibilidade de atribuir valor ao produto jornalístico, conforme:

Com uma oferta tão abundante de informação, a habilidade de descobrir e transmitir a verdade tem relativamente menos valor, e a ênfase passa à capacidade de tornar um produto atraente e desejável para o consumidor final. A edição aumenta a importância em relação à reportagem. (MEYER, 2002, p. 242).

O jornalismo no ambiente on-line ganha força ao encontrar um espaço digital que pode ser hiperlinkado, facilitando a narrativa e escolhas particulares de cada leitor, priorizando o contexto individual (CANAVILHAS, 2014), aproximando ainda mais o conceito de jornalismo lento (PRAZERES, 2018). Para o jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), é fundamental entender o consumo de informação sabendo que as fontes de notícias irão aumentar, compreendendo o fluxo e dinâmicas de interação dos leitores, é possível atuar de maneira mais efetiva em relação às expectativas do público alvo.

Para isso, o jornalismo pós-industrial tem como horizonte a diversidade de informação, públicos e nichos, adotando a transparência como uma cultura e a disponibilidade de se adaptar às necessidades do público sem abrir mão dos valores do jornalismo. Trata-se de entender o contexto no qual está inserido e estar disposto a

entregar um produto de melhor qualidade que converse com a realidade do leitor através de uma originalidade (GRANT, 2016) em relação às matérias.

Essa adaptação requer uma mudança de mindset (DWECK, 2016), que pode ser fixo ou flexível. Trazendo essa reflexão para o jornalismo, existe a necessidade de estabelecer o mindset flexível para aprender com os problemas do jornalismo industrial, observando de que maneira vai se comportar nesse novo cenário no qual estamos inseridos e fomentando novas iniciativas. Exemplo disso é o jornalismo lento enquanto proposta, trata-se de uma oposição ao tradicional, mas de maneira a oferecer um novo ritmo em relação aos acontecimentos.

Tratando-se de originalidade, para Adam Grant (2016), é fundamental questionar o saber convencional e mergulhar em novas áreas de conhecimento, algo que será trabalhado ao longo deste trabalho com a finalidade de evidenciar a importância da interdisciplinaridade no jornalismo. Como Steven Johnson (2011) explica no livro *De onde vem as boas ideias*, ao defender que a mistura de áreas e conceitos é melhor que afastar ou proteger determinadas áreas do conhecimento. Tanto Grant quanto Johnson valorizam a conexão entre diferentes saberes. Como vimos ao longo do capítulo, a realidade com mais informações ficou ainda mais complexa e, para buscar novas soluções, é necessário recorrer a outras áreas do conhecimento.

No próximo capítulo será apresentada uma revisão bibliográfica sobre jornalismo contextual e suas semelhanças com outros termos, que, por sua vez, fazem parte do movimento do jornalismo lento (PRAZERES, 2018). O ponto que será explorado no próximo capítulo não é tanto uma definição de termos, mas a tentativa de esboçar essa definição por parte de vários autores que se preocupam com o objetivo de realizar matérias contextuais, explicativas e interpretativas. Seguindo essa linha de raciocínio, será apresentado um breve histórico sobre o “gênero” contextual, por assim dizer, e de que maneira ele pode atuar nessa nova configuração do jornalismo pós-industrial.

2.2 JORNALISMO CONTEXTUAL: HISTÓRICO E DEFINIÇÃO

O contexto é uma palavra que ganhou força nos últimos tempos em função do excesso de informações (JENKINS, 2009) no meio on-line, delineando o jornalismo pós-industrial ao criar a demanda por um conteúdo que dê uma perspectiva mais aprofundada, característica do jornalismo lento. Uma prática contextual do jornalismo que

se propõe a explicar o porquê de determinados fatos terem se transformado em notícias. Observando determinados fatos se transformando em notícias a partir de um ponto de vista mais distante, o que potencialmente ajuda o leitor a entender melhor a configuração de espaço e de tempo em que determinados acontecimentos ocorreram.

Nessa busca por contextualizar as matérias, tal prática usa muitas perguntas e pronomes relativos, entre eles: como, quando, onde, de que maneira, entre outros. Porém, diferente da lide tradicional, há exploração, tornando a escrita muito mais específica. Por exemplo, ao escrever uma matéria, o título já garante um fio condutor de conteúdo: “O seu salário diante da realidade brasileira”, essa é uma matéria no Nexa (2018) que estabelece exatamente o que o seu título propõe, mas não aprofunda como, por quê e outros itens da lide tradicional. Nesse exemplo, o principal objetivo é entender o que o seu salário representa em parâmetros nacionais, é um recorte específico dentro de um determinado contexto, mas que, ao limitar sua área de atuação, consegue ser mais preciso.

O uso dessa estrutura em muitas matérias no Nexa prioriza a relação de causa e consequência, focando muito mais nas mudanças que aquele fato irá causar no futuro do que a notícia enquanto acontecimento no tempo presente. Em muitos momentos o veículo consegue, por meio de recursos interativos, inserir o leitor no contexto que o conteúdo jornalístico se propõe a explicar. Somando essas características, pode-se remeter ao que Prazeres (2018) identificou no Nexa como elementos do jornalismo lento.

Retomando o exemplo da matéria “O seu salário diante a realidade brasileira”, ao perguntar apenas “O quanto você ganha?” e “Qual o seu estado?” o Nexa é capaz de abordar cinco questões: (1) o quanto você ganha em relação à população brasileira, (2) o quanto você ganha em relação ao seu estado, (3) como seu estado está posicionado dentro da realidade brasileira, (4) o que seu salário representa quando comparado a um deputado federal e (5) quanto você ganha em relação a outras profissões. Essas questões colocam o leitor dentro da realidade do país, estabelecendo uma escala entre ricos pobres, gerando contexto e parâmetros de comparação. Trata-se de um recorte muito mais objetivo e explicativo do que uma matéria extensa falando sobre renda no país. Através de números e visualização de dados, o jornalismo busca a interatividade como diferencial para dar contexto a um aspecto da realidade econômica do país.

O primeiro veículo mundialmente conhecido que colocou contexto, capacidade de interpretação e explicação como prioridade foi o Vox, atingindo visibilidade internacional. Criado em 2014 com o objetivo de explicar notícias, o portal americano Vox é a referência e inspiração para um modelo de jornalismo contextual. Seus conteúdos são nativos e feitos de maneira pensada para cada plataforma na qual estão presentes, como Facebook, Instagram, Youtube, iTunes, Netflix e também no próprio site.

Outro aspecto que aponta para a visão de jornalismo pós-industrial é o compromisso com a transparência. Na sessão do site “sobre” existe um editorial explicando como é feito o conteúdo do Vox. Com didática e critérios claros, os procedimentos utilizados pela redação mostram a visão do veículo em relação aos fatos. Dessa forma, reforçam o compromisso em explicar e contextualizar as notícias em uma perspectiva editorial, deixando claro todos os seus critérios.

Com objetivo de reforçar o contexto, o Vox criou uma linha do tempo com todas as publicações “sobre”, sistematizando as próprias atualizações e mudanças do veículo com objetivo de ter linearidade em relação à história do portal (VOX, 2019). Sobre as matérias, o ponto de destaque são títulos que envolvam perguntas e palavras que são comuns ao lide, como: o quê, quando, onde e como, fazendo relação direta ao jornalismo contextual e explicativo.

No Brasil, o veículo Nexo absorveu essa demanda de mercado. Criado em novembro de 2015, tem como objetivo ser uma alternativa para quem busca uma notícia que faz abordagens que muitas vezes proporciona uma perspectiva mais atemporal dos fatos, uma vez que suas matérias possuem o objetivo de contextualizar acontecimentos, quando comparadas à cobertura noticiosa tradicional. De acordo com Paula Miraglia, diretora geral do veículo, o Nexo estabeleceu uma linha diferente de trabalho, com muitos atributos que Prazeres (2018) identifica como jornalismo lento. Em entrevista para o Nieman Lab (2016), explicou a principal preocupação da redação:

Do ponto de vista editorial, percebemos esse contexto e explicação, [e] levamos essas coisas a um nível quase radical. É fundamental para nossos modelos editoriais e empresariais produzir conteúdo que dure... A pergunta que sempre fazemos é qual é o conteúdo que vai fazer o público pagar por ele? Devido ao nosso tamanho, produzimos menos do que alguns outros sites. Não se trata da quantidade de coisas que publicamos; para nós, é mais sobre tempo de validade e qualidade.

Outro argumento reforça essa declaração está apresentado na sessão "Sobre" da página do Nexo (2015):

O Nexo é um jornal digital, lançado em novembro de 2015, com o objetivo de trazer contexto às notícias e ampliar o acesso a dados e estatísticas. Sempre de forma inovadora e a partir de conteúdos amplos e instigantes, sua produção editorial privilegia o rigor e a qualidade de informação.

Buscando atender às demandas de uma sociedade complexa, a interpretação da informação e do impacto dos fatos na vida dos leitores ganhou importância como um produto jornalístico. Os fatos em si não são o principal, o que eles causam em um determinado contexto sim. Através de uma nova abordagem à técnica do lide, novas perguntas e interpretações são feitas. Com isso surgem matérias que explicam, interpretam e contextualizam o leitor sobre quais as consequências de um determinado acontecimento, potencializando sua compreensão sobre o que acontece na sua vida.

Em uma visão brasileira do jornalismo contextual, Lückman; Fonseca (2017) propõem uma revisão bibliográfica de autores que falam sobre o assunto. De acordo com as autoras, o contexto é a busca pelo *background* sobre determinado assunto, com uma maior quantidade de informações possíveis em relação ao fato. A segunda característica é oferecer conteúdo para que o próprio leitor faça questionamentos em relação ao tempo e espaço, utilizando um material que não se esgota no tempo presente, mas que proporciona olhar crítico entre passado e futuro, entendendo os acontecimentos e seus desdobramentos.

Cabe ressaltar que o "jornalismo contextual" praticado pelo Vox e pelo Nexo não é algo necessariamente novo. Inclusive o termo é alvo de disputa de sentidos. No artigo *The rise of contextual journalism 1950s-2000s* (FINK; SCHUDSON 2014), outros termos, como "jornalismo interpretativo" (SALGADO, 2011) e "jornalismo explicativo" (FORDE, 2007) buscam definir uma nova perspectiva do jornalismo em relação aos fatos, podendo ser visto como um contraponto ao conceito de tempo real proposto por Ramonet (1999). Trata-se de um estilo que está preocupado com a relação de causa e consequência através da contextualização dos fatos, deixando de lado a cobertura convencional baseada em hard-news.

O trabalho analisou amostras de três veículos americanos: *New York Times*, *Washington Post* e *Milwaukee Journal Sentinel*. De acordo com o estudo, a reportagem contextual representava, em 1955, 10% das matérias. Em 2003, esse número

subiu para 40%. Matérias preocupadas com o que, quando, onde e como representavam uma amostragem entre 80% e 90% em 1955, e caem para 50% em 2003. Logo, na amostra analisada por esses autores, o jornalismo contextual mostra um crescimento em relação ao convencional.

Buscando compreender a necessidade de explicar contextos, o artigo afirma que isso é uma visão crescente desde a década de 1960 nos EUA até os tempos atuais. O jornalismo americano na década de 1960 era oficialista e, na maioria dos casos, considerava uma verdade absoluta tudo que era dito pelo governo da época (FINK; SCHUDSON, 2014). Não se interpretava o que era feito na política, o jornalismo apenas reportava o que acontecia, sem questionar. De acordo com os autores, três aspectos se destacam como expoentes desse novo modelo que surge nos anos 60: modificação da cultura do jornalismo, mudanças nas instituições do governo e quebra de paradigmas no conceito do que é cobertura política.

Nesse mesmo artigo, outros elementos são destacados como importantes para a compreensão do jornalismo contextual. Entre eles, fatos históricos, como o caso de Watergate e a Guerra do Vietnã, mudaram a cobertura jornalística no país e exigiram uma postura muito mais crítica e investigativa. Além disso, Fink e Schudson (2014) afirmam que, conforme o tempo passou, o jornalismo ficou mais reflexivo e contextualizado devido aos cursos de jornalismo e ao aprendizado crítico em relação à profissão. A academia, através da pesquisa, transformou o jornalismo ao longo do tempo. Os autores apontam a evolução acadêmica e reflexiva em relação à profissão como determinante para um crescimento do jornalismo contextual.

Essas transformações e evoluções históricas são características que também devem ser atribuídas ao jornalismo interpretativo. Salgado (2011), sem mencionar o jornalismo contextual, defende que as interpretações se baseiam primeiramente em temas, e os fatos acabam sendo secundários como algo meramente descritivo. Destacam-se os seguintes elementos textuais no jornalismo interpretativo: objetividade, imparcialidade ou até posicionamento direto em relação ao assunto na busca pela verdade por trás dos fatos descritos. Em um esboço de definição, devido à ausência de material bibliográfico sobre o assunto, Salgado coloca o jornalismo interpretativo como um contraste ao jornalismo descritivo que se preocupa principalmente relatar o que, quando, onde e quem, de maneira superficial e pouco aprofundada. Portanto,

para o autor, em primeiro plano o que realmente interessa é a interpretação da realidade, o resultado dessa interpretação enquanto pensamento crítico e não os fatos enquanto acontecimentos superficiais.

Nesse sentido, o autor em diversos momentos fala sobre a importância do contexto da informação e principalmente das fontes originais, primárias. Dissociando-se de uma classificação ou nomenclatura para esse estilo de narrativa, ele se preocupa em evidenciar e aprofundar a discussão do jornalismo baseado na interpretação. Como finalidade de pesquisa, propõe um modelo de questionário para “entrevistar” reportagens e classificar o seu grau de interpretação, pois acredita que relevância está no impacto dessas matérias e suas características, não na nomenclatura desse jornalismo.

Portanto, sem fazer relações com jornalismo contextual, Salgado (2011) destaca a importância do contexto, fontes primárias de informação e interpretação jornalística como elementos que diferenciam e qualificam o jornalismo por ter impacto direto no leitor. Complementando essa visão da importância de contexto, o jornalismo baseado na explicação (FORDE, 2007) busca fortalecer o debate na esfera pública e qualidade da informação.

Analisando reportagens da categoria do Prêmio Pulitzer: Reportagem Explicativa o artigo “*Discovering the explanatory report in American newspapers*” discute e estrutura o conhecimento e métodos os presentes nessas matérias (FORDE 2007). Existem aspectos relevantes nesses prêmios, de acordo com Forde (2007, p. 2):

A reportagem explicativa incorpora uma idéia historicamente condicionada do que uma reportagem pode ser: uma explicação e interpretação de eventos complexos e fenômenos colocados em contexto social, político ou cultural.

A frase do autor remete à necessidade de explicar a realidade, relacionando diretamente com o maior número de prêmios, mostrando a demanda de mercado em relação à explicação de fenômenos. Nesse sentido, o fato enquanto recorte isolado não faz sentido, mas a explicação do contexto e o desenvolvimento de interpretação em relação a isso faz diferença para Forde (2007).

É possível perceber que o contexto, interpretação e explicação são conceitos que normalmente estão próximos e são complementares entre si. Exemplo dessa proximidade é que o artigo *The rise of contextual journalism 1950s-2000s* (FINK; SCHUDSON 2014), que cita Forde (2007) e Salgado (2011), devido à similaridade de objetivos

e conclusões entre os trabalhos. Em um primeiro momento essa conceituação de jornalismo interpretativo e explicativo se faz necessária para entender suas diferenças e assim consolidar o jornalismo contextual como justificativa para condução do presente trabalho.

Trazendo uma pesquisa com abordagem de comportamento, o neologismo de "contextualista" é um adjetivo que vem ganhando força (MCINTYRE, DAHMEN E ABDE-NOUR, 2016). De acordo com o artigo "*The contextualist function: US newspaper journalists value social responsibility*", foram entrevistados 1318 jornalistas que trabalham em jornais através de um questionário com o objetivo de avaliar suas atitudes em relação à profissão.

O principal resultado da pesquisa é que jornalismo contextual e o papel ativista da profissão ganharam espaço entre jovens e mulheres. Em relação às matérias contextuais como gênero jornalístico, a pesquisa chegou a três propostas principais: jornalismo construtivo, jornalismo que propõe solução para problemas e o jornalismo que reconstrói uma narrativa. Essa categorização, de acordo com os autores, serve como oportunidade de estruturar academicamente o conteúdo do jornalismo contextual. O perfil jovem, feminino e preocupado com o contexto da informação evidenciado pela pesquisa é um contraponto ao jornalista da década de 1960, que era caracterizado por ser homem, branco, de meia-idade e ao mesmo tempo confortável e otimista em relação ao governo estabelecido (FINK; SCHURDSON, 2014).

O estudo ainda aponta que 70% dos jornalistas entrevistados concordam com o compromisso de retratar o mundo com precisão (MCINTYRE, DAHMEN E ABDE-NOUR, 2016). Entre as três funções mais valorizadas pelos jornalistas, estão: em primeiro lugar, um híbrido que combina a capacidade de interpretar e disseminar conteúdo; em segundo lugar, a capacidade de contextualização; e terceiro lugar, o valor intelectual.

Levando em consideração os aspectos citados anteriormente, contexto é relevante em diversos cenários, independentemente da nomenclatura utilizada para caracterizar esse jornalismo que busca dar sentido aos fatos através de conexões nem sempre evidentes. Os autores que falam sobre a importância de contexto e sua relevância para matérias jornalísticas não se preocupam com a linha tênue que existe entre jornalismo explicativo (FORDE, 2007), interpretativo (SALGADO, 2011) e contextual (LÜCKMAN; FONSECA, 2017), (FINK; SCHURDSON, 2014), (MCINTYRE,

DAHMEN E ABDENOUR, 2016). Os autores tendem a usar adjetivos que caracterizam cada estilo, conforme foi visto ao longo do capítulo, mas não aprofundam o conceito ao ponto de propor uma definição. São trabalhos ainda incipientes em termos de definição, mas que propõem reflexões, remetendo à necessidade de clareza e precisão que o jornalismo contextual demanda.

Fazendo um resgate sobre o jornalismo pós-industrial e do movimento de jornalismo lento, esse capítulo é uma discussão sobre características que aparecem nessa nova configuração do jornalismo. Trata-se de uma abordagem enquanto movimento que busca a reflexão e o uso de novos formatos para dar um novo ritmo ao jornalismo, uma originalidade que é composta por diferentes áreas do conhecimento, diferentes habilidades ao produzir conteúdo e envolve uma complexificação do fluxo de informações.

Os próximos capítulos pretendem apresentar conceitos das seguintes áreas: ciência da informação, webjornalismo, jornalismo guiado por dados e visualização de dados, estabelecendo uma relação com jornalismo contextual. Partindo desse princípio, o objetivo é buscar uma definição de visualização de dados no contexto do jornalismo contemporâneo e compreender suas características, particularidades e formas de trabalho enquanto jornalismo lento. E, assim, no último capítulo, analisar a amostragem de pesquisa e estabelecer conexões e relações de benefício entre jornalismo contextual e visualização de dados.

3 O POTENCIAL DA INTERATIVIDADE PARA O JORNALISMO CONTEXTUAL

A internet proporcionou acesso à informação em tempo real (BARRETO, 2002), transformando a forma com a qual nos comunicamos. Esse fluxo de informação entre emissor e receptor é uma área de interesse da Ciência da Informação enquanto conhecimento e pesquisa (SARACEVIC, 1996).

Nesse ponto, a Ciência da Informação é uma área extremamente complexa e interdisciplinar (BORKO, 1968) que se dedica a estudar o fluxo de informações baseando-se em perspectivas que organizam as informações e sistematizam o conteúdo. Fazendo uma relação com jornalismo, a internet mudou a configuração da comunicação como um todo, criando um meio de comunicação muito mais interativo e personalizável (CANAVILHAS, 2014), mas ao mesmo tempo muito mais descentralizado e caótico.

Reunindo elementos da Ciência da Informação, busca-se analisar a estrutura de fluxos da comunicação na internet (BARRETO, 2002) para investigar de que maneira o webjornalismo pode potencializar a interatividade e personalização do conteúdo.

3.1 A CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO E SEU PAPEL NA INTERATIVIDADE

O uso da Ciência de Informação (CI) como recurso para explicar o fluxo de dados se deve a um objetivo: a tarefa constante de tornar mais acessível e organizado um acervo crescente de conhecimento, conforme Saracevic (1996). Para o autor, interdisciplinaridade, aumento da tecnologia da informação e evolução da sociedade são características que constituem o passado, presente e futuro da CI, fazendo com que ela se torne uma área do conhecimento muito diversa.

Enquanto conhecimento, uma das primeiras tentativas de definir a CI tem origem com Borko (1968), evidenciando a influência das seguintes áreas: matemática, lógica, linguística, psicologia, tecnologia da computação, pesquisa operacional, artes gráficas, comunicação, biblioteconomia e outras áreas que trabalhem com fluxo de informação. O autor posiciona a CI como uma área de investigação interdisciplinar do comportamento humano, baseada nas seguintes propriedades da informação: uso, transmissão, processamento, armazenamento e recuperação.

Todas essas etapas são propriedades da CI enquanto estrutura, mas remetem diretamente ao papel do jornalista no século 21. Ao fazer uma relação com o papel de *contextualista* (MCINTYRE; DAHMEN; ABDENOUR, 2016), pode-se dizer que lidar com informações e fazer uso dessas propriedades é uma das competências do jornalista enquanto *gatewatcher* (BRUNS, 2003, 2005) devido ao grande volume de informações em uma perspectiva de jornalismo lento (PRAZERES, 2018). Essa diversidade de conhecimentos é a oportunidade do jornalismo estabelecer o *mindset* flexível (DWECK, 2016), entender e refletir sobre aspectos de convergência (JENKINS, 2015) ao relacionar diferentes áreas do conhecimento, buscando, assim, a originalidade (GRANT, 2016) como caminho para o jornalismo pós-industrial.

Enquanto disciplina, a CI exerce um objetivo mais específico, conforme Borko (1968, p. 2): “A ciência da informação, como disciplina, tem como objetivo fornecer um corpo de informações que levará a melhorias nas diversas instituições e procedimentos dedicados à acumulação e transmissão de conhecimento.”

Essa citação serve como uma resposta aos problemas que a CI se dispõe a solucionar, mas, como veremos em seguida, esses problemas também estão presentes no jornalismo de alguma maneira. No mesmo artigo, Borko (1968) enumera cinco problemas: (1) crescimento acelerado da ciência e inovação, fazendo com que o conhecimento sobre algo se torne obsoleto com facilidade. (2) A rápida taxa de desatualização entre mercado e academia. Em função do mercado avançar muito rápido, cria-se uma demanda de profissionais que voltem para a academia e se atualizem. (3) O grande número de cientistas e revistas científicas especializadas. (4) Aumento da especialização, dificultando o intercâmbio de informações entre diferentes áreas do conhecimento. (5) Curto intervalo de tempo entre pesquisa e aplicação, fazendo com que aumente a necessidade de velocidade no consumo da informação.

Fazendo um paralelo com jornalismo, esses cinco problemas não são tão distantes, e alguns deles, ao fazer um comparativo, tornam-se possibilidades. O primeiro ponto, sobre aceleração da ciência e inovação, remete ao que Jenkins (2015) problematiza em relação de novas e antigas mídias que interagem de maneira complexa. É possível, portanto, organizar e criar conteúdos que de alguma maneira sejam atemporais, como propõe o movimento do jornalismo lento (PRAZERES, 2018), em resposta à velocidade que produz conteúdos efêmeros.

Sobre o segundo ponto, pode-se fazer uma referência à rápida mudança de mercado que é afetado por estratégias de plataformas digitais em diversos momentos, influenciando no papel do jornalista enquanto *contextualista* (MCINTYRE, DAHMEN E ABDENOUR, 2016) e *gatewatcher* (BRUNS, 2014). Essa nova configuração do jornalismo exige que a atualização seja constante e vital para o modelo de negócios dependente do digital.

Em relação ao terceiro ponto, o que servia como pergunta para a CI serve de aprendizado e oportunidade para o jornalismo. Hoje, cada vez mais o público está composto por grupos menores, como aponta o relatório de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) ao identificar a necessidade do jornalismo de se tornar mais aprofundado para um público menor e entregar mais valor enquanto conteúdo.

Avançando para o quarto ponto, atualmente o jornalismo tem acesso a diversos relatórios e conteúdos que estão disponibilizados na internet, praticamente que de maneira integral, diminuindo distâncias entre áreas do conhecimento. Tutoriais na internet e diversos cursos gratuitos online podem ensinar ao jornalista novas competências para lidar com dados, gráficos e noções básicas de estatística. Porém, ao abordar novas áreas do conhecimento, um questionamento deve ser feito: o que esse conteúdo e saber específico agrega ao jornalismo?

O quinto problema, sobre a velocidade do consumo da informação, é um dos problemas que o jornalismo busca responder hoje. Ele aparece no relatório de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013), sendo tema de diversos dos artigos e livros citados no presente trabalho. Levando em consideração a ausência de resposta no jornalismo para a velocidade das informações no jornalismo pós-industrial, o presente trabalho busca apresentar uma reflexão específica sobre o assunto. Ao trazer o jornalismo contextual somado à visualização de dados, percebe-se elementos do jornalismo lento como uma possível abordagem a essa velocidade.

Os problemas aos quais a CI tenta responder foram identificados na década de 1960 e tentavam organizar o conhecimento científico. Hoje, os problemas são diferentes, mas em alguns aspectos remetem aos mesmos questionamentos. Efeitos de velocidade e seu impacto naqueles que consomem informação são fenômenos complexos que demandam entender o fluxo dos dados enquanto conhecimentos abstratos até a sua apropriação enquanto conteúdo por parte do leitor.

O volume de informações aumentou, mas o tempo é o mesmo. Ou seja, existe menos tempo para consumir uma quantidade maior de informação, remetendo ao conceito de economia da atenção (SIMON, 1969). Fazendo o paralelo com jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013) e cultura da convergência (JENKINS, 2015), é possível evidenciar a semelhança e preocupação de dar respostas ao volume de informações que consumimos diariamente.

Fazendo uma recuperação histórica, Barreto (2002) faz uma linha do tempo relacionada à CI, estabelecendo três grandes períodos desde sua criação.

O primeiro período acontece entre os anos 1945 e 1980, época de gestão das informações, devido à explosão de conhecimento e pesquisas causadas pela Segunda Guerra Mundial e também pela Guerra Fria. O momento ficou conhecido como período de armazenamento do conhecimento, estruturação da CI.

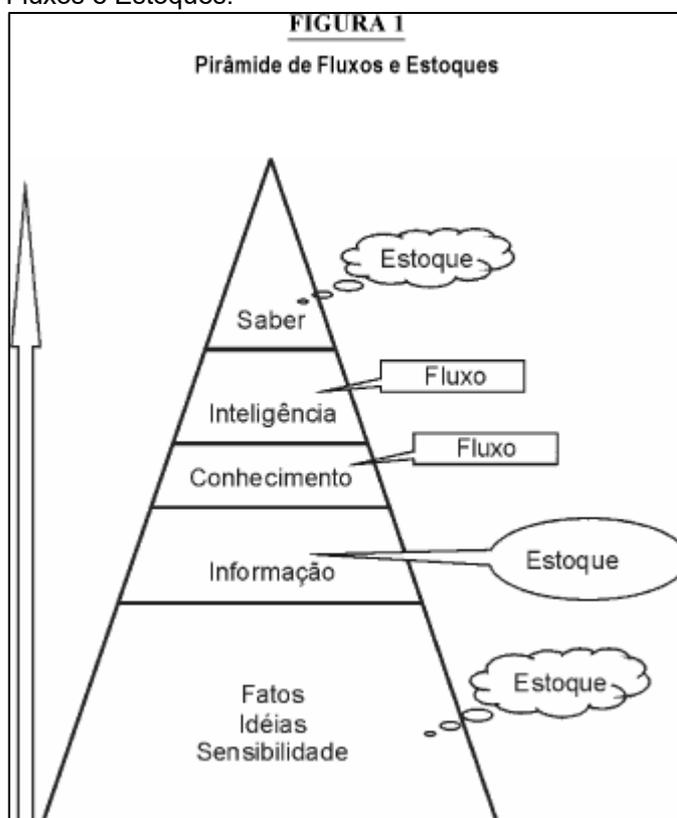
Em um segundo momento, de 1980 até 1995, o enfoque estava ligado à ação da informação na coletividade, definindo o período como relação entre informação e conhecimento. Entendia-se como prioridade a absorção de conhecimento por parte do indivíduo através de elaboração de estruturas mentais proporcionadas pela forma como o sujeito percebe o meio. Por último, em um terceiro momento, de 1995 até os tempos atuais, o enfoque está na interatividade proporcionada pela internet. As tecnologias trouxeram um novo ambiente de formação do conhecimento conectando diretamente a informação com quem tem acesso a ela, de acordo com o autor, dada à velocidade, esses fluxos de troca de informações tendem a ser considerados em tempo real.

Percebendo que a estrutura de relação do tempo na internet acontece essencialmente no presente devido ao alto fluxo de informações em tempo real, o autor considera que antes da internet havia um passado e um futuro. Atualmente, o que existe é essencialmente o tempo presente. Trazendo para a realidade do jornalismo, antigamente existia o jornal de papel de ontem, com notícias do passado; o de hoje, com atualizações e acontecimentos; e o de amanhã, do futuro - este porém, é necessário esperar. Com a internet, de acordo com Barreto (2002), só existe o tempo presente, para o consumo da informação.

Essa dimensão do tempo nos leva ao mapeamento do consumo. Para compreender esses processos e de que maneira é estabelecida a dinâmica entre emissor

e receptor enquanto fenômeno de comunicação, será utilizado o modelo piramidal (BARRETO, 2002).

Figura 1: Pirâmide de Fluxos e Estoques.



Fonte: Barreto (2002).

Para o autor, existe uma estrutura de trajeto até se atingir o saber enquanto competência cognitiva. Entende-se por saber a soma de todas as vivências de um indivíduo. Este trajeto vai do mais subjetivo até o menos subjetivo. A pirâmide também acompanha a premissa de que sua base possui mais volume de informações diminuindo até chegar no topo. Para Barreto (2002, p.68): “Falou-se de estoques de informação como o conjunto estático de itens agregado segundo critérios de interesse de uma comunidade de receptores potenciais”. Esses estoques são como se fossem arquivos, estão organizados e categorizados de maneira a facilitar os nossos raciocínios e fluxos de consciência. O autor também, define fluxos (BARRETO, 2002, p. 68):

Mencionou-se fluxos de informação quando se referiu ao seguimento, seqüência, sucessão, de eventos dinamicamente produzidos, que determinam o encadeamento ou a vicissitude dos acontecimentos relacionados com as práticas da informação.

Fazendo uma adaptação e colocando números em relação à pirâmide apresentada pelo autor., o nível (1) sobre os fatos, ideias e sensibilidade estão próximos, mas não estão conectados com o indivíduo. Tratam-se apenas de saberes estáticos, arquivados e organizados, mas não pressupõe contato com pessoas. Em outra fase, o nível (2) estabelece uma apropriação desses fatos, ideias e informações, que ficam armazenados no indivíduo de acordo com sua vivência subjetiva, mas ainda estão estáticos enquanto conhecimento denominado *informação*. Chegando ao meio do caminho, o nível (3) estabelece *conhecimento* como uma sucessão de eventos que se realizam fora do estoque, mas são individuais e totalmente subjetivos. Nesse sentido o autor desconsidera a possibilidade de “gestão do conhecimento” ou “base de dados de conhecimento”, pois conhecimentos são vivências individuais e não podem ser catalogadas. O nível (4) estabelece uma ação do indivíduo em sua realidade com o *conhecimento* que absorveu, modificando ou não a sua realidade. A *inteligência* exige interação com o meio social no qual está inserido, exige a ação do *conhecimento* na prática. O nível (5) estabelece o saber com o acúmulo de *conhecimento*. É considerado um estoque que pode ser modificado, mas símbolo de desenvolvimento social e cultural, sendo subjetivo e variável de acordo com a história de cada pessoa.

Com essas cinco fases é possível entender o percurso de um leitor de jornal, por exemplo. O nível 1 é o jornal enquanto organização de matérias e saberes, conteúdo estático. Na sequência, o nível 2, denominado informação, são os fragmentos armazenados e absorvidos pelo o leitor, como queda ou aumento do preço do dólar e recortes específicos de dados que não exigem reflexão. O nível 3 enquanto conhecimento seria a leitura de uma matéria sobre economia entendendo os motivos pelos quais o dólar caiu ou subiu. Chegando ao nível 4, a decisão de comprar, manter ou vender dólares baseada na leitura de uma matéria falando sobre o preço do dólar é exemplo de inteligência, ação baseada em conhecimento. Por último, em um quinto nível, a leitura de contexto do mercado e a experiência enquanto conhecimento acumulado geram um saber individual que irá afetar diretamente as decisões desse leitor em sua leitura crítica sobre o preço do dólar.

Fazendo esse exercício de reflexão e utilizando a pirâmide como conceito de estrutura do conhecimento, pode-se identificar de que maneira e onde o jornalismo contextual (FINK; SCHUDSON, 2014) e a visualização de dados (CAIRO, 2016) auxi-

liam na produção de conhecimento enquanto elementos do jornalismo lento (PRAZERES, 2018). Levando em consideração a característica da interatividade como um ponto de destaque na era da internet (BARRETO, 2002), esse elemento serve de base para analisar um veículo digital como o Nexo através de elementos do webjornalismo (CANAVILHAS, 2014), o que será desenvolvido no próximo capítulo.

3.2 A INTERATIVIDADE E PERSONALIZAÇÃO ENQUANTO CARACTERÍSTICAS DO WEBJORNALISMO

O webjornalismo se difere dos outros tipos de jornalismo em função de ser feito e produzido para um meio específico que é a internet (CANAVILHAS, 2014). Este meio possui atributos que definem o formato, entre eles a possibilidade de uma maior interatividade, uma vez que faz uso da internet (BARRETO, 2002)

Fazendo uma breve apresentação dos termos (CANAVILHAS, 2014) e o que eles representam no contexto da internet, a *hipertextualidade* tem como definição a relação entre diversos blocos informativos ligados através de ligações (links). *Multimedialidade* seria a coordenação e distribuição de diferentes conteúdos para diferentes plataformas digitais. *Interatividade*, de acordo com o livro “Sete características do webjornalismo”, constitui um dos pilares da internet. Em uma definição mais precisa, na obra *The internet galaxy*, Castells (2003, p. 201) defende: “a capacidade do usuário de manipular e afetar diretamente a experiência da mídia e de se comunicar com outros por meio dela”.

A *memória* seria a capacidade do jornalismo de relatar algo e registrar o presente, tendo em vista que estamos conectados 24 horas por dia e 7 dias por semana. A internet somada ao jornalismo se tornou um meio de produção de memória em tempo real. A *instantaneidade*, por sua vez, nos remete à ideia de “ser o primeiro”, perspectiva de pressão dos veículos em relação à concorrência. Ao falar sobre *personalização*, existem diversos níveis, que vão de conteúdos específicos até softwares e algoritmos que funcionam baseados em históricos individuais. As possibilidades de ter uma experiência única com a internet é o grande diferencial nesse aspecto. *Ubiquidade*, em resumo, seria o conceito de que qualquer pessoa em qualquer lugar tem acesso a uma rede de comunicações em tempo real.

Todos esses conceitos reforçam a ideia de convergência propostas por Jenkins (2015) ao falar que essa nova configuração altera a lógica de operação da indústria midiática como um todo. Impactando também na forma que os consumidores processam todas essas informações relacionadas à notícia e ao entretenimento.

As características do webjornalismo remetem a conceitos da Ciência da Informação devido à mudança na forma na qual nos relacionamos com o conteúdo (BARRETO, 2002). Entre as características, o poder do público aumentou na internet, a interação fez com que o poder de escolha fosse muito mais ativo e participativo, como Jenkins (2015, s.p.) caracteriza:

Por convergência, refiro-me ao fluxo de conteúdos através de múltiplas plataformas de mídia, à cooperação entre múltiplos mercados midiáticos e ao comportamento migratório dos públicos dos meios de comunicação, que vão a quase qualquer parte em busca das experiências de entretenimento que desejam.

O poder de escolha por parte do público em busca das experiências pessoais aumentou, a individualidade enquanto liberdade de navegação se tornou uma oportunidade do público de buscar a plataforma, o conteúdo e formato que mais lhe satisfaz. Essas possibilidades que a internet proporcionou em relação à interatividade estimulam novos formatos de produção e de consumo de conteúdo que fortalecem a experiência individual, contribuindo para uma apropriação personalizada de informações oriundas de um contexto social

Um bom exemplo dessas novas possibilidades é a matéria “O seu salário diante a realidade brasileira”¹, do Nexo. Ao perguntar “O quanto você ganha?” e “Qual o seu estado?”, a interface interativa proposta pelo trabalho jornalístico é capaz de dar contexto para cinco situações. Colocando você dentro do contexto brasileiro, estabelecendo uma escala entre ricos pobres, como veremos abaixo.

O texto presente na Figura 2 estimula a comparação e evidencia o contexto da informação, colocando a data na qual o conteúdo foi criado e quando ele foi modificado, reforçando a questão de transparência enquanto compromisso do jornalismo pós-industrial. Além disso, propõe uma reflexão em relação ao Brasil, perguntando se

¹ “O seu salário diante da realidade brasileira”. Disponível em <<https://www.nexojornal.com.br/interativo/2016/01/11/O-seu-sal%C3%A1rio-diante-da-realidade-brasileira>>.

nós, leitores, conhecemos a realidade do nosso país, e onde estamos inseridos através do salário e do estado no qual residimos, conforme a Figura 2, colocada abaixo.

Figura 2: Texto de apresentação da matéria.

The image shows a screenshot of a web article introduction. At the top left, it says 'INTERATIVO'. The main title is 'O seu salário diante da realidade brasileira'. Below the title, the author is 'Gabriel Zanlorenssi e Lucas Ferreira' and the date is '11 Jan 2016 (atualizado 30/Abr 18h15)'. The introductory text asks: 'É senso comum: os rendimentos dos brasileiros são baixos e insuficientes. Mas você tem ideia de quanto o seu salário é próximo ou distante em relação ao da maioria da população? Compare'. There are social media icons for Facebook, Twitter, Email, LinkedIn, and Instagram. The main text says: 'O Nexo preparou uma calculadora para você comparar seu salário com o dos habitantes do seu estado e do Brasil. Este interativo foi publicado em 11 de janeiro de 2016 e, em janeiro de 2018, os dados foram atualizados. Você insere o valor do seu salário mensal (bruto) e o compara com a realidade dos demais brasileiros. Além disso, também compara o que você ganha com o salário de um deputado federal, e com os de um juiz de primeira instância, de um médico e de um professor da educação básica de seu estado. Veja abaixo:'. On the right side, there is a 'MAIS RECENTES' section with three items: 'EXPRESSO O que está em jogo na briga pelo futuro da Fórmula 1 no Brasil Estêvão Bertoni', 'GRÁFICO De onde vêm os jogadores das principais ligas de futebol do mundo Caroline Souza e Gabriel Maia', and 'EXPRESSO Os questionamentos legais ao decreto do porte de armas Matheus Pimentel'.

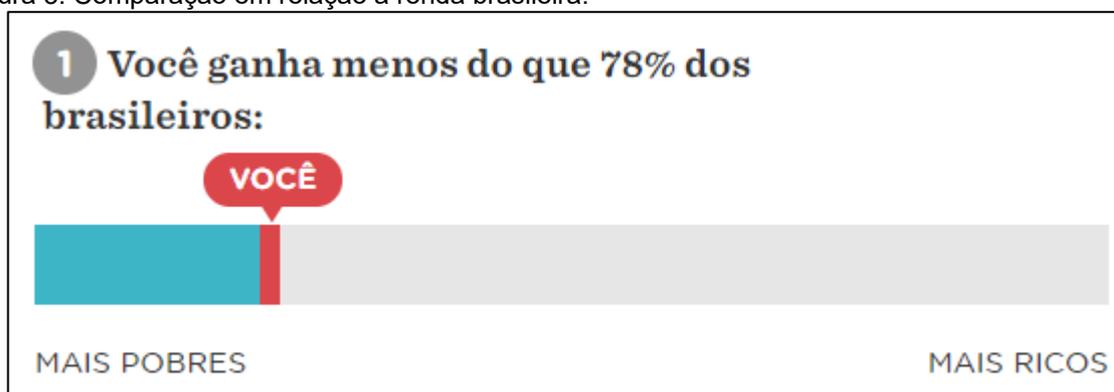
Fonte: Nexo (2019).

A matéria, através de perguntas básicas, propõe estabelecer contexto através de parâmetros, escalas que remetem à pirâmide de *fluxos* e *estoques* (BARRETO, 2002), presente no capítulo anterior. Retomando os conceitos e aplicando nessa matéria sobre renda, podemos observar os seguintes aspectos:

- a) O nível 1 da pirâmide é um estoque e com isso, configura um conhecimento estático e organizado conforme padrões estabelecidos, que nesse caso são sistematizados pelo Nexo. Para avançar ao nível 2, pressupõe-se uma interação entre leitor e o jornal. Essa ação nos leva outro nível da pirâmide que é a *informação*.
- b) Colocando nossas informações sobre o quanto ganhamos e qual o nosso estado, geramos gráficos que estabelecem parâmetros de contexto com porcentagens e rankings em relação aos valores que colocamos. Essa interação é um ponto chave para o funcionamento da dinâmica proposta. Não seria possível visualizar nosso contexto sem esses dados, pois eles nos fornecem dados em porcentagem e em valores reais de comparação com a população brasileira. Nesse momento, estamos avançando para o terceiro nível da pirâmide, o *conhecimento* de nossa posição no Brasil como um todo.
- c) Esse *conhecimento* está colocado em um contexto que é o Brasil. A partir da visualização de dados, percebemos qual nossa posição nesse cenário. Ou seja, através de uma interação baseada no contexto salarial brasileiro, podemos estabelecer conexões e aprender mais sobre a realidade de salários do país como um todo. Dinâmicas assim propõem um fluxo ativo de consumo da informação. Ao interagir com o conteúdo, geramos uma experiência singular (o quanto ganhamos em comparação ao todo varia de pessoa para pessoa), mas ao mesmo tempo compartilhada com outras pessoas que também recebem salários e fazem parte dessa escala.

Fazendo o exercício de responder as questões e tornar essas considerações mais objetivas, com o salário médio de estagiário na área de comunicação de R\$ 775,00 e morando no estado do Rio Grande do Sul, vamos obter os seguintes dados:

Figura 3: Comparação em relação a renda brasileira.

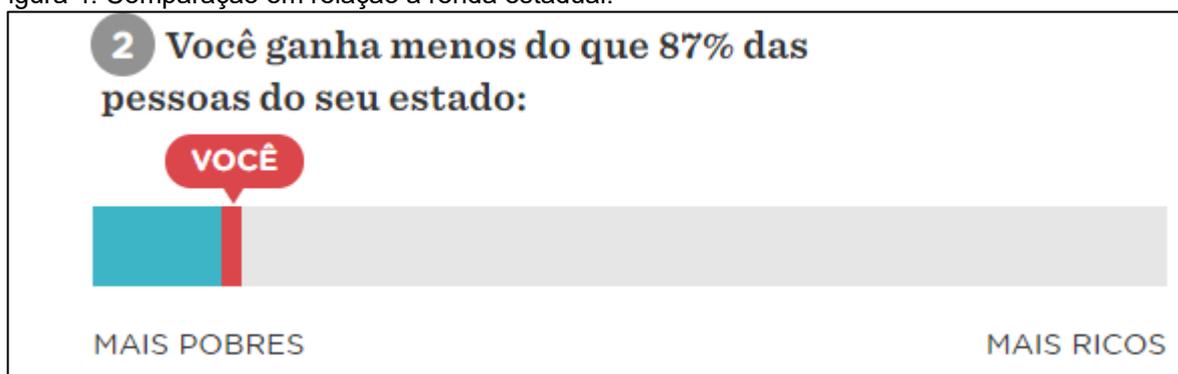


Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Na Figura 3, a matéria fornece um dado muito particular e contextual usando a palavra “você”, remetendo a uma subjetividade e reforçando a construção de uma matéria interativa, propondo um diálogo com o leitor ao usar um pronome pessoal. Nesse ponto, é importante entender que, ao respeitar a subjetividade, ganha-se valor em relação ao produto, para Barreto (2002), por exemplo, o *conhecimento* é necessariamente subjetivo. Conseqüentemente, isso aproxima o veículo do leitor e reforça uma das características do webjornalismo, a *interatividade* (CANAVILHAS, 2014), movimento que aparecerá ao longo das cinco perguntas. Pode-se dizer que a *interatividade* (CANAVILHAS, 2014) somada à subjetividade do *conhecimento* (BARRETO, 2002) fazem com que o papel de *contextualista* (MCINTYRE; DAHMEN; ABDENOUR, 2016).

A análise demonstra que existe uma preocupação do conteúdo em fornecer contexto, que fica evidenciado através de informações sobre quantas pessoas ganham mais do que você e quantas ganham menos. Sem grandes números absolutos, a matéria posiciona o valor entre os mais pobres utilizando a renda como critério e usa a frase “você ganha menos do que”. Essa informação direciona para o grupo de menor renda, estabelecendo o contexto. Existe também um cuidado estético sobre os dados. O verde é utilizado para quem ganha menos que R\$ 775, enquanto a cor cinza significa os 78% que ganham além desse valor, e o você é posicionado na cor vermelha, gerando a sensação de ruptura entre o verde e o cinza.

Figura 4: Comparação em relação a renda estadual.



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Na Figura 4, a sistemática se repete, mas agora para a realidade do Estado do Rio Grande do Sul. Observa-se aqui que 87% das pessoas no estado ganham mais do que R\$ 775. Estabelecendo uma relação com o país é possível presumir que o Rio Grande do Sul é um estado mais rico, levando em consideração à queda na escala entre mais pobres e mais ricos proposta pelo Nexo.

Na Figura 5, a figura reforça as conclusões dos dois anteriores, oferecendo um comparativo entre os 27 estados do Brasil.

Figura 5: Ranking do rendimento médio por estado.

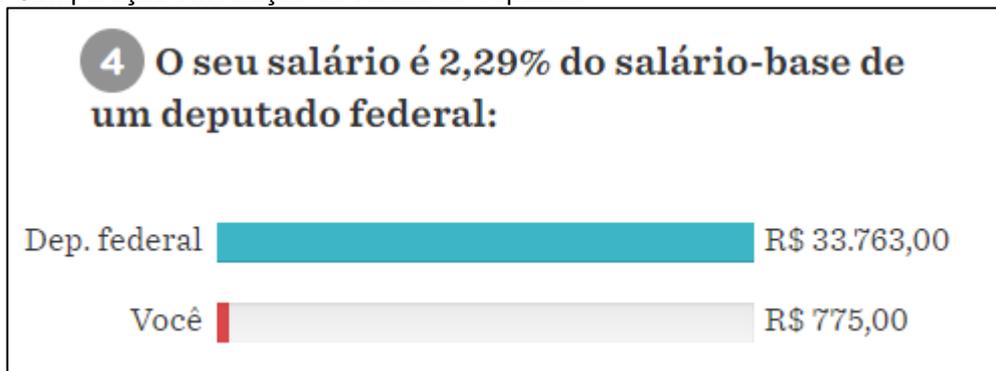


Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Outra vez a cor é usada para dar destaque em conjunto com um tratamento pessoal ao se referir de maneira indireta ao Rio Grande do Sul usando *seu*. Utilizando um parâmetro linear entre primeiro e último com base em rendimentos médios, é possível perceber que o Estado como um todo está melhor posicionado ao receber R\$

2.292, e chega a receber uma média que supera em até duas vezes a média do Maranhão, último colocado, que é R\$ 1.047. Essas informações não são precisas o suficiente para descrever a realidade do Brasil, mas geram contexto para reflexões mais embasadas e menos generalistas.

Figura 6: Comparação em relação ao salário do deputado



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Na Figura 6, o diferencial está na comparação com o salário de um deputado federal. Aqui, existe uma comparação direta com uma das principais lideranças políticas do país. Colocar o salário em porcentagem é estabelecer uma escala e assim proporcionar comparações visuais e matemáticas.

Na Figura 7, o existe uma comparação entre juízes, médicos e professores da educação básica do estado no qual foi informado. Essas informações estabelecem uma conexão com a realidade individual e subjetiva de cada valor e estado colocado na matéria. Novamente, as cores são utilizadas como reforço para comparar diferentes valores e assim criar relações entre as profissões.

Figura 7: Comparação entre profissões no estado



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Em um último momento, existe uma explicação sobre as fontes e metodologia utilizada. É interessante destacar a exposição dos processos de realização de tal material jornalístico. Essas características remetem à transparência do jornalismo pós-industrial e valorizam o recorte estabelecido pelo jornal ao criar um questionário informativo.

Figura 8: Metodologia da matéria

Fontes:

Câmara dos Deputados, CNJ, Pnad/IBGE e Rais/Ministério do Trabalho.

Metodologia: O rendimento médio do estado e do Brasil foi calculado com dados da Pnad (Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios) contínua do terceiro trimestre de 2017, realizada pelo IBGE (Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística). A pergunta do questionário utilizada foi a VD4016, que se refere ao rendimento habitual do respondente. Foram considerados apenas os entrevistados com mais de 14 anos que declararam possuir alguma renda. Para calcular o salários médios dos médicos e dos professores do ensino básico foram utilizados os dados da Rais (Relação Anual de Informações Sociais), de 2016. O banco de dados, gerenciado pelo Ministério do Trabalho, contém os salários de todos os trabalhadores formais do país, tanto do setor público como do privado. O rendimento para os médicos se refere à média mensal do rendimento anual das ocupações com prefixo 225 da CBO (Classificação Brasileira de Ocupações). Para os professores, a média é baseada nas classificações 231 e 232 da CBO. Já para o salário dos juizes, foram utilizadas as planilhas disponibilizadas pelo CNJ (Conselho Nacional de Justiça). Foram considerados os rendimentos (sem incluir benefícios como gratificação natalina e abono de férias) apenas dos juizes de direito ativos do estado. Esses magistrados fazem parte da primeira instância da justiça comum e têm seus salários custeados pelos governos estaduais, com exceção do Distrito Federal (custeado pela União). O mês de referência é novembro de 2017. Como a distribuição dos rendimentos apresenta muita variação, para todas as profissões, foram usados os salários medianos de forma a representar mais precisamente a realidade de cada categoria.

[Clique aqui para ver a versão antiga](#)

JAN/2016

Fonte: Nexo (2019).

Retomando conceitos do webjornalismo, a matéria do Nexo é um interessante exemplo de como os conceitos estão conectados entre si. Porém, das sete características do webjornalismo (CANAVILHAS, 2014), duas ganham destaque na matéria: interatividade e personalização. Através de dados colocados no processo interativo é possível personalizar o conteúdo no qual se terá acesso, proporcionando assim uma experiência diferente e contextual, remetendo à Ciência da Informação e respeitando as informações e conhecimentos (BARRETO, 2002) de cada um.

4 O JORNALISMO CONTEXTUAL BASEADO EM DADOS E VISUALIZAÇÃO

O presente capítulo apresenta conceitos de jornalismo de dados (MEYER, 2002), (MEYER, 1991), (BRADSHAW, 2011) e visualização de dados (CAIRO, 2002). A finalidade é discutir o tratamento e a visualização de dados, entendendo de que maneira esses recursos narrativos podem auxiliar o jornalismo contextual.

A busca pela objetividade e análise dos fatos está diretamente ligada ao contexto dos dados (MEYER, 2002, 1991; BRADSHAW, 2011). Para estabelecer um diálogo que se aproxima do trabalho do Nexa, foram escolhidos três assuntos citados anteriormente e que se relacionam de maneira direta. Jornalismo de dados (MEYER, 2002) é um processo fundamental para gerenciar grandes e pequenas bases de informações. A visualização de dados (CAIRO, 2002), por fim, é um resultado dessas duas práticas citadas anteriormente e que será trabalhada com objetivo de entender suas principais características e funções.

O capítulo tem como objetivo entender o processo de construção do jornalismo baseado em dados e visualização, para então trabalhar conceitos que possam ser desdobrados em análises presentes no capítulo 5.

4.1 JORNALISMO DE DADOS PARA UMA SOCIEDADE COMPLEXA

Recentemente, Offshore Leaks², Panama Papers³, Paradise Papers⁴ e investigações guiadas por dados têm ganhado destaque na imprensa mundial. O Panama Papers é o maior vazamento de documentos da história, somando mais de 2,6 TB de informação sobre pessoas e empresas do mundo todo. Em termos jornalísticos, o trabalho se destaca pelo processo colaborativo realizado para dar conta do volume de dados.

Para realizar o intercâmbio de informações foram utilizadas três plataformas: Global I-Hub, Global Knowledge Center e Linkurious. A primeira foi utilizada para comunicações internas, a segunda para pesquisa documental e a terceira para estabe-

² Offshore Leaks Database. Disponível em: <<https://offshoreleaks.icij.org/>>.

³ ICIJ: Panama Papers. Disponível em: <<https://www.icij.org/investigations/panama-papers/>>.

⁴ ICIJ: Paradise Papers. Disponível em: <<https://www.icij.org/investigations/paradise-papers/>>.

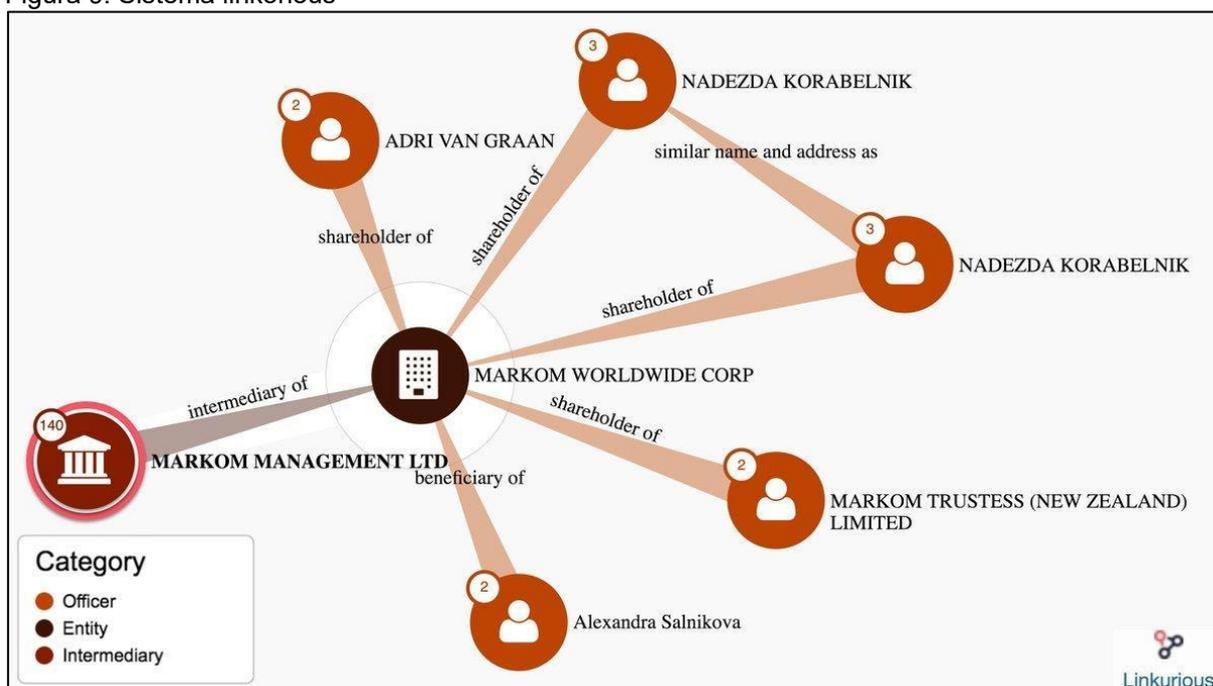
lecer conexões entre os dados (LÓPEZ, 2017). Essas plataformas organizaram e auxiliaram no processo de filtrar os documentos, colocando prioridades em relação às pautas e sistematizando os dados encontrados, atribuindo-lhes contexto. De acordo com a autora, caso esse processo e as tecnologias de compartilhamento não fossem aplicadas, os jornalistas levariam anos para investigar e publicar o que foi encontrado.

O Global I-Hub foi desenvolvido para tornar mais segura a comunicação entre jornalistas. A plataforma promove a segurança e o anonimato de quem participa da investigação, organizando reportagens transfronteiriças e colaborativas, além de permitir diferentes comentários e interações entre quaisquer pessoas envolvidas ao longo do processo.

A plataforma criptografada do Global Knowledge Center chamada The Knowledge Center (LÓPEZ, 2017) foi utilizada para organizar arquivos e facilitar a busca para download. Entre os mecanismos, foram criadas pastas com datas, tipos de arquivo e que, ao utilizar palavras específicas no sistema de busca, era possível visualizar, acessar e fazer o download dos documentos. Atualmente o sistema de busca integra os bancos de dados dos três principais vazamentos de dados mundiais: Offshore Leaks, Panama Papers e Paradise Papers.

O Linkurious é responsável pela visualização e conexão de dados entre diferentes pessoas e suas relações de poder encontradas nos documentos, estabelecendo conexões dinâmicas e visuais, algo que não seria possível sem a visualização de dados, especificamente. Seu funcionamento é bem simples, insere-se um nome e automaticamente o software gera uma visualização dos dados e suas conexões, atribuindo contexto para as relações.

Figura 9: Sistema linkurious



Fonte: López (2017).

Para Gerard Ryle (2016), a colaboração entre mais de 350 jornalistas do mundo através da ICIJ (International Consortium Investigative Journalism) foi fundamental. Em números totais foram envolvidas mais de 100 organizações midiáticas em 76 países, com o pressuposto de que cada veículo olharia para o país no qual está inserido, buscando informações e interesses de figuras públicas e governantes locais.

Essa busca específica por locais e o alto nível de detalhamento da investigação são possíveis graças a tecnologias capazes de buscar dados e relacionar resultados. Exemplo desse processo é a busca por palavras-chave em arquivos em formato PDF, como nomes de pessoas, cidades e empresas, possibilitando revelar relações entre políticos e offshores, criando um contexto no qual o jornalista pode investigar e entender o que aconteceu.

Nesse ponto, a visualização dos dados foi fundamental para estabelecer conexões visuais entre nomes dispersos e dados que aparentemente não tinham conexão. Logo, observar e entender situações específicas torna o objeto de investigação algo visual, mais concreto que apenas o texto. Auxiliando na conexão entre os fatos e agentes envolvidos, a visualização é um componente relevante para abordar realidades complexas.

A publicação de uma série de reportagens ao mesmo tempo em 76 países diferentes no dia 4 de abril de 2016 teve consequências e impacto mundial. O caso

Panama Papers serve como exemplo de como o jornalismo guiado por dados pode atingir níveis globais em uma comunicação baseada em narrativas hiperlinkadas (CANAVILHAS, 2014) através da convergência de informações (JENKINS, 2015), ressaltando a importância de contexto entre jornalismo e dados.

As primeiras iniciativas em relação ao jornalismo de dados eram coisas como: números dispostos em tabelas e analisados por jornalistas (MEYER, 1991). Atualmente, em uma sociedade que produz muito conteúdo, o desenvolvimento tecnológico potencializou nossa capacidade de mensurar e analisar informações. O resultado disso é uma facilidade para produzir conteúdo baseado em dados (GRAY; BOUNEGRU; CHAMBERS, 2012). Essa evolução foi responsável pela possibilidade de o jornalismo de desenvolver narrativas mais complexas e precisas (CANAVILHAS, et al., 2014a). Ou seja, cria-se conteúdo a partir do encontro de diferentes áreas do conhecimento, reunidas por um mesmo objetivo (CANAVILHAS, 2014b).

Embora o Panama Papers seja um exemplo do uso de dados em grande escala, existe a possibilidade do jornalismo guiado por dados oferecer contextos a realidades mais pontuais e de maneira sistemática, algo muito semelhante ao que faz o Nexa no Brasil e o Vox nos Estados Unidos.

Para Meyer (1991), o jornalismo precisa entender a complexidade de nossa sociedade e utilizar ferramentas com a capacidade de administrar, processar e analisar dados. Trazendo essa afirmação para os dias atuais, o melhor e maior exemplo de uso de dados é o caso Panama Papers, devido ao volume de informações que foram estruturadas com a finalidade de gerar conteúdo jornalístico. Voltando para aspectos acadêmicos, o autor (MEYER, 1991) argumenta que, através de métodos e procedimentos das ciências sociais, o jornalismo encontra espaço para buscar a verdade com procedimentos verificáveis, algo que em determinados momentos só é possível com auxílio de profissionais de outras áreas (CANAVILHAS, 2014b).

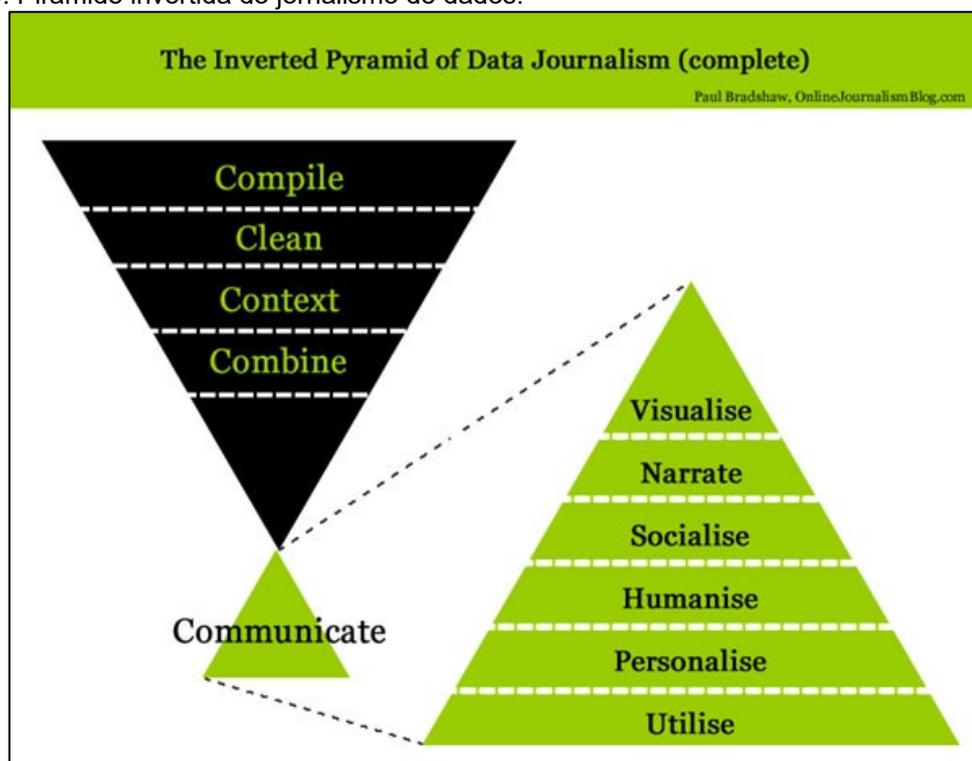
Ao tratar o jornalismo como ciência e utilizar relatórios, dados e números para fazer matérias, afastamos a opinião e subjetividade do processo. Logo, o primeiro aspecto para ser valorizado é a objetividade. Com essa finalidade, Meyer (1991) utiliza uma lista de procedimentos: coletar, armazenar, recuperar, analisar, resumir e comunicar. Com essa lista é possível afirmar que existe um método para realizar jornalismo

e com isso tornar verificável uma determinada informação. Algo que o jornalismo “tradicional”, preocupado em ouvir os lados da história, não consegue alcançar, pois sempre estará sujeito à interpretação subjetiva de declarações (MEYER, 2002).

Trazendo elementos mais atuais para analisar o Panama Papers, o modelo de piramidal de Bradshaw (2011) ilustra os processos que sustentam o jornalismo guiado por dados. Primeiro, a pirâmide invertida compila, limpa, contextualiza e combina os dados. Posteriormente, em um segundo momento - existe a comunicação em modelo de pirâmide tradicional, em seis etapas: visualizar, narrar, socializar, humanizar, personalizar e utilizar.

O caso Panama Papers serve como exemplo para todas essas etapas. Existiu uma preocupação em compilar os dados de maneira correta através de ferramentas, ao mesmo tempo que existia a limpeza feita por jornalistas que entendiam o contexto de cada informação e, assim, organizavam o conteúdo. Para a comunicação o mesmo processo aconteceu, mas respeitando o conteúdo e contexto de cada país. Fazendo um paralelo com Meyer, Bradshaw (2011) transformou um conjunto de processos em algo aplicável à dinâmica de reportagens que utilizassem dados como conteúdo principal.

Figura 10: Pirâmide invertida do jornalismo de dados.



Fonte: Bradshaw (2011).

A criação de novos modelos em relação ao jornalismo de dados como a pirâmide invertida de Bradshaw (2011), deve-se ao contexto de convergência (JENKINS, 2015), uma vez que o jornalismo é impactado por novas técnicas de diferentes áreas, estimulando a originalidade (GRANT, 2016) de conteúdo e formato. Através da inovação é possível reforçar a importância do jornalismo (MEYER, 1991), entregando valor ao produto. Este é o principal argumento de Meyer (2002) ao defender a utilização do jornalismo de dados. A capacidade de gerar valor agregado ao produto jornalístico não seria apenas a produção de notícias, mas também uma curadoria em relação às informações, aumentando a especificidade do conteúdo. Traçando um paralelo, é o que o jornalismo do Nexa propõe na prática, mas em um ritmo de produção próprio e autoral.

Retomando o aspecto da objetividade, jornalismo de dados é um método para definir com precisão a realidade e que se aproxima muito do jornalismo investigativo (HUNTER, 2013). Tanto jornalismo de dados quanto o investigativo se preocupam em esclarecer o público ao dar sentido a uma massa desconexa de fatos. Essa conexão de fatos e informações que nem sempre são evidentes é um processo do jornalismo investigativo para embasar com dados o seu procedimento. É nesse momento que ambos se aproximam.

No caso Panama Papers, por exemplo, o uso palavras chave foram fundamentais para realizar buscas em documentos e assim conseguir estabelecer uma estratégia de investigação (HUNTER, 2013) baseada em dados. Na perspectiva do jornalismo guiado por dados, as palavras chave são indícios de investigação (MEYER, 1991). O ponto dessa conexão é a necessidade de atribuir sentido, contexto e relação entre diferentes aspectos que não eram evidentes em um primeiro momento. Portanto, dados, quando quando organizados e sistematizados, geram valor em um determinado contexto e servem como ferramenta de compreensão da realidade.

4.2 A VISUALIZAÇÃO DE DADOS PARA ENXERGAR A COMPLEXIDADE SOCIAL

O termo jornalismo de dados é um estilo de jornalismo que vem sendo construído ao longo dos últimos anos (GEHRKE, 2018). As primeiras classificações desse modelo começaram na década de 1960 com o termo Jornalismo de Precisão, proposto por Philip Meyer. Com o passar do tempo, nas décadas de 1980 e 1990, ocorreu um

aumento do uso de dados nas redações através da popularização dos microcomputadores, surgindo o termo “Reportagem Assistida por Computador” (RAC), do inglês *Computer-Assisted Reporting* (CAR), como um novo estágio do Jornalismo de Precisão. Posteriormente, a evolução foi a consolidação do termo Jornalismo Computacional nos anos 2000, devido a uma rotina produtiva que utilizava programas de computador com uma frequência maior. A partir desse fenômeno, a manipulação de dados e o uso de números como recurso de reportagem atingiu uma frequência maior (TRÄSEL, 2012), como um reflexo de uma sociedade que evoluiu em consumo e produção de informação.

Atualmente, vivemos em um momento em que não apenas manipulamos esses dados, mas buscamos formas de visualizá-los (CAIRO, 2012) para ampliar sua capacidade de nos ajudar a compreender a realidade. Fazendo um exercício de imaginação, vamos supor que um jornal registre todos os dias o número de acidentes de trânsito em Porto Alegre, colocando coloque em seu site notícias sobre o trânsito de maneira cotidiana, criando uma perspectiva factual. Somando todos os dias de um ano, esse mesmo jornal obteria uma base de dados que poderia ser analisada através de diversas perspectivas, criando um monitoramento da realidade que ultrapassa a dimensão cotidiana factual, gerando possibilidades de abordar o assunto por meio da análise estruturada dos dados levantados e, conseqüentemente, da visualização desses dados.

Sabendo da necessidade de visualizar dados para extrair interpretações e parâmetros visuais, o jornalismo guiado por dados pode ser considerado um gênero jornalístico que busca ordenar e extrair (GERKHE, 2018) informações de um mundo cada vez mais conectado e complexo devido à cultura de convergência (JENKINS, 2015). Portanto, o avanço desse processo de extrair informações é a visualização de dados através de uma maneira intuitiva e atrativa, preocupada com o contexto (CAIRO, 2008).

Historicamente, a visualização de dados sempre esteve ligada à demanda por novas formas de categorizar conteúdos e organizar informações. O uso de mapas ao longo do tempo e o desenvolvimento estatístico também fez com que novas formas de design em relação ao conteúdo fossem criadas (FRIENDLY, 2001).

Um exemplo paradigmático da história da visualização de dados é o registro de uma epidemia de cólera detectada por John Snow. Na obra “On the mode of

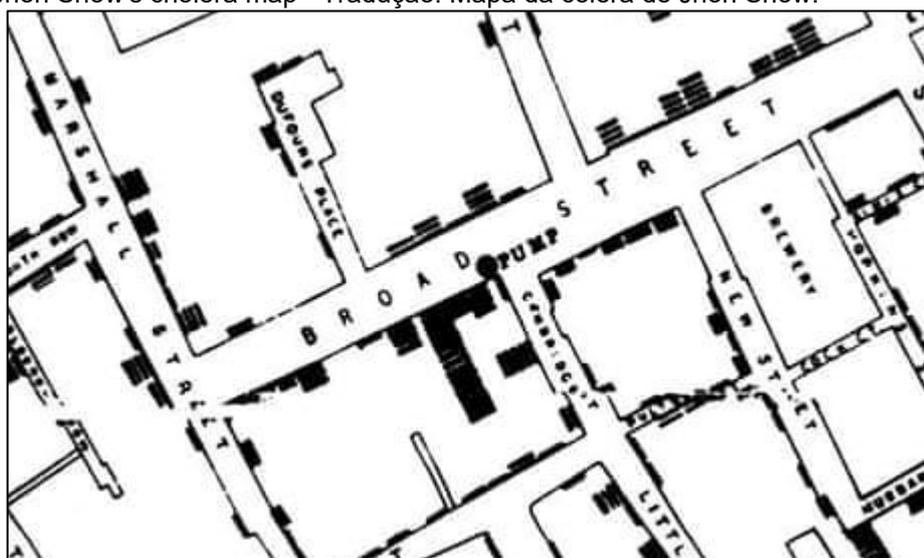
communication of cholera”, de, 1855, Snow aborda as maneiras de transmissão da doença. O fato destacado pela obra é a maneira pela qual foi identificada a epidemia, que revolucionou a saúde pública, dando início ao que hoje chamamos de saneamento básico. Tudo isso teve início com a visualização de dados.

Em 1854, durante a epidemia de cólera na cidade de Londres, especificamente no bairro Soho, mais de 500 pessoas morreram ao longo de 10 dias. John Snow mapeou os casos por domicílio e os poços de água próximos a eles. Com isso demonstrou que a água contaminada por fezes causava a doença. Cartografando o bairro e entrevistando pessoas, localizou o poço em Broad Street e considerou principal responsável pela epidemia. Consequentemente, recomendou a comunidade que fechasse o local para evitar mais contaminação.

Esse episódio ficou conhecido devido à sua simplicidade metodológica, mas ao mesmo tempo eficaz para resolver um problema. Portanto, visualizar e catalogar dados para cruzar informações é algo extremamente necessário quando se deseja compreender algo que nem sempre é evidente ao olhar números brutos.

Cada morte por cólera era representada por uma barra preta na visualização de dados no mapa de John Snow, conforme o mapa abaixo. Dessa forma, tornou-se evidente que os casos estavam agrupados ao redor da bomba da rua Broad.

Figura 11: Jhon Snow's cholera map - Tradução: Mapa da cólera de Jhon Snow.



Fonte: Rogers (2013).

Nesse sentido, a visualização de dados funciona como um importante elemento na estrutura narrativa de matérias jornalísticas, conforme Cairo (2016, p.743).

Ao lidar com uma história com a qual as pessoas já estão familiarizadas, o que lhe falta na reportagem deve ser compensado com profundidade. Afinal, o jornalismo não é apenas sobre cobrir as notícias, mas também fornecer contexto para as notícias.

Ao falar de jornalismo de dados, a visualização se tornou mais uma etapa do processo de administrar o volume de informações que trabalhamos em nosso cotidiano. Conforme tecnologias avançam, acontece o movimento de popularizar ferramentas que auxiliem nas redações como fonte de conteúdo para construção da realidade, através de uma investigação baseada em métodos científicos e números, aproximam o jornalismo da objetividade e precisão.

Sobre o conceito de visualização de dados, Cairo (2016) elenca cinco características presentes em uma boa visualização de dados: veracidade, funcionalidade, beleza, perspicácia e capacidade de esclarecimento. Cada uma corresponde a uma função da visualização de dados e é responsável por facilitar a compreensão do conteúdo.

A veracidade é um critério utilizado para atribuir credibilidade ao conteúdo (CAIRO, 2016). Trazendo para a realidade brasileira por exemplo, em diversos momentos utilizamos dados econômicos no cotidiano para comparar gastos com saúde, educação e segurança em relação a governos e anos anteriores. Um ponto necessário ao fazer essa comparação é aplicar a correção de inflação para entender o valor real do dinheiro. A veracidade é responsável pelo comprometimento com o contexto de uma determinada informação, leva em conta os fatores responsáveis por aumentar ou diminuir determinado número, estabelecendo assim um comprometimento com os fatos.

De acordo com o autor, a autenticidade da informação e credibilidade é o primeiro passo para a visualização de dados, o segundo é a funcionalidade (CAIRO, 2016). Portanto, trata-se da didática em relação à disposição dos dados e de que maneira o gráfico escolhido foi pensado para atingir o raciocínio e a lógica do público. O tipo de gráfico, as cores utilizadas, a escala e uma série de detalhes fazem parte do formato, sendo uma característica fundamental na construção de uma visualização de dados. Trazendo para um exemplo real, na comparação de gastos entre governos, uma boa alternativa seria um gráfico em barras que mostrasse o contraste entre as gestões, traçando um paralelo do quanto cada um gastou pelo mesmo período. Ou, talvez, um gráfico com linhas mostrando através dos meses o desenvolvido desse

investimento, pois assim é possível analisar se existe alguma agenda ou interesse específico por datas, trata-se de formatos que devem ser pensados de acordo com a matéria.

A beleza é a terceira característica da visualização de dados ideal (CAIRO, 2016). Trata-se de criar uma imagem atrativa visualmente e que seja responsável por atrair a curiosidade e desperte o interesse do leitor em relação aos dados. Além disso, uma visualização bonita atribui mais valor ao conteúdo e torna mais agradável a experiência e pode servir como um recurso de narrativa que é ajustável de acordo com o contexto no qual está sendo trabalhado. A beleza enquanto conceito pode ser temática e misturar características sensoriais e intelectuais, atribuindo propósito e funções à estética. Voltando para o exemplo de comparativo entre gastos, trabalhando a estética é possível tornar a associação mais didática através de cores e elementos visuais que coloquem em evidência o que está sendo analisado e cumpram uma função de gerar harmonia entre os elementos.

A quarta característica é a capacidade de gerar resoluções através da própria visualização, atribuir “*insights*” com uma visualização clara e limpa através de parâmetros, escalas e perspectivas em relação aos dados (CAIRO, 2016). Trata-se da organização e distribuição dos dados e sua capacidade de gerar ideias e interpretações, sem a necessidade de atribuir explicações e legendas. Nesse ponto, a característica da visualização é a sua autossuficiência em relação ao conteúdo, trazendo elementos que não seriam possíveis em outros formatos, é a valorização do formato através de sua funcionalidade. Colocando dentro de um exemplo específico, um gráfico comparativo entre gestões pode evidenciar quem gastou mais ou menos e posteriormente ter desdobramentos em outros gráficos, mostrando o resultado dessa diferença. Nesse ponto é importante evidenciar o resultado da visualização, seja através de desdobramentos ou de um material que se sustente sem a necessidade de complementos.

Como última característica está a capacidade de esclarecimento, elucidação de um problema (CAIRO, 2016). Nesse ponto, o autor é muito incisivo ao declarar que essa característica é a soma da veracidade, funcionalidade, beleza e perspicácia, para ele é o resultado de uma equação. Tendo as outras características em uma visualização a capacidade de esclarecer é consequência natural do processo. Trazendo o exemplo para a realidade de comparativo entre governos, nesse momento o leitor

deve ser capaz de entender como cada governo gastou o dinheiro em segurança, educação e saúde, entendendo o que isso representa cada gasto e se a gestão foi eficiente ou não dentro de critérios estabelecidos.

Essas características serão utilizadas como categoria no capítulo de análise do material. Trata-se de entender como cada um desses cinco elementos trabalhados por Cairo (2016) aparecem no jornalismo contextual do Nexo e de que forma as características da interatividade (CANAVILHAS, 2014) potencializa a capacidade de atribuir contexto as matérias. No próximo e último capítulo, a ideia é analisar e entender como esses elementos interagem em benefício do conteúdo jornalístico.

5 METODOLOGIA E ANÁLISE

Este capítulo tem o objetivo de analisar a editoria extra dos Jogos Olímpicos do jornal Nexo, intitulada “Os Jogos Olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo”. A análise procura demonstrar como a relação entre jornalismo de dados, visualização de dados e interatividade é potencialmente relevante para o jornalismo contextual contemporâneo. Por se tratar de uma análise qualitativa, foram escolhidas três matérias. São elas: “Quem ganhou mais medalhas olímpicas? Compare os países”, “Por quem estamos torcendo nos Jogos Olímpicos?” e “Qual esporte Olímpico mais combina com o seu corpo?”. O grupo de matérias selecionadas possui uma característica em comum que se tornou critério para análise, tendo como base o seguinte princípio: pouco texto e interatividade capaz de interferir na dinâmica de leitura, características opostas ao primeiro grupo.

O critério estabelecido para a seleção foi filtrar uma lista de 59 presentes na editoria. Dessas, 14 apresentam visualização de dados, seis apresentam interatividade, mas apenas três apresentam interatividade e dados. Em relação à análise qualitativa de cada grupo, o método será dividido em quatro momentos: utilização da pirâmide invertida (BRADSHAW, 2011) na matéria e sua comunicação, a interatividade da matéria, (BARRETO, 2002), visualização de dados (CAIRO, 2016) e jornalismo contextual enquanto resultado dessa interação e também como conteúdo de texto (FINK; SCHUDSON, 2014).

O objetivo final é entender de que maneira o uso de jornalismo de dados potencializa o jornalismo contextual através da interatividade ao gerar uma visualização de dados personalizada. A escolha da editoria extra chamada “Os jogos olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo”, deve-se a dois pontos principais. O primeiro é o uso de novos recursos por parte de um veículo digital. Esses recursos serão analisados através dos critérios citados anteriormente. O segundo ponto é o fato de os Jogos Olímpicos Rio 2016 terem ocorrido entre os dias, 5 e 21 de agosto, ou seja, em um curto espaço de tempo, e com uma cobertura massiva por parte da mídia. Sobre este último critério último, a velocidade do Nexo se contrapõe aos veículos tradicionais, destacando a editoria sobre os Jogos Olímpicos como modelo para análise de resultados do jornalismo lento.

Jogos Olímpicos, especialmente os da Era Moderna, são eventos multimidiáticos. Atualmente, sua cobertura acontece em tempo real, com o mundo inteiro acompanhando as competições enquanto elas acontecem. Tem-se aí, portanto, um momento único para refletir sobre as possibilidades de atuação do jornalismo lento (PRAZERES, 2018) a partir da emergência de um jornalismo contextual baseado na relação entre dados, visualização e interação.

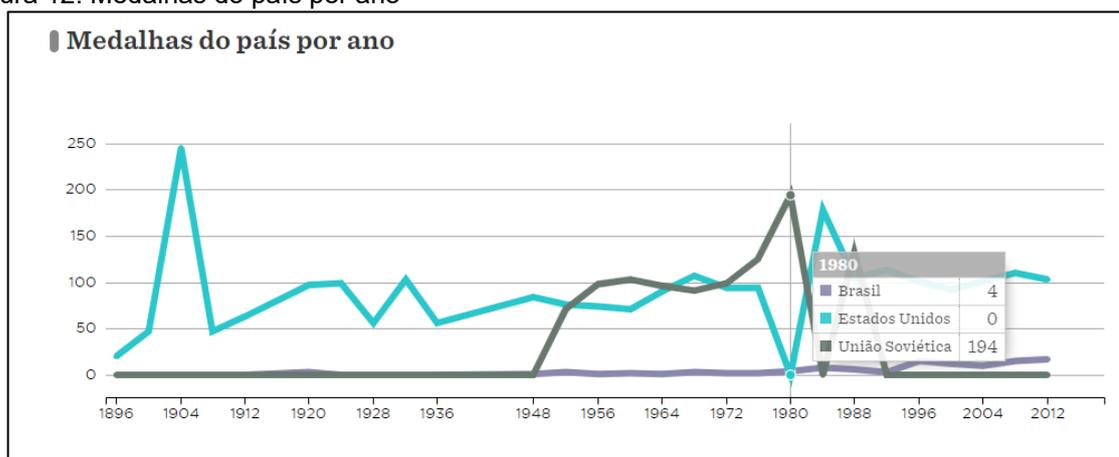
Além disso, trata-se de um evento marcante, por ser a primeira edição sediada no Brasil e também na América Latina, além do impacto e repercussão mundial por seu caráter histórico e poliesportivo. Levando em conta a variedade de elementos culturais, sociais, políticos e esportivos que podem ser trabalhados, a escolha foi feita para entender o contexto dessas informações, bem como a complexidade da cobertura nas matérias contextuais.

5.1 ANÁLISE DA REPORTAGEM: “QUEM GANHOU MAIS MEDALHAS OLÍMPICAS? COMPARE PAÍSES”

A matéria⁵ possibilita a comparação através de uma ferramenta desenvolvida pelo Nexo em três momentos. No primeiro, é possível selecionar até três países e visualizar o número de medalhas ao longo da história, no segundo momento, é possível visualizar as cinco modalidades nas quais esses três países se destacam e o terceiro momento é a comparação específica de uma modalidade entre os três países selecionados. Essa matéria foi feita antes dos jogos e foi utilizada como um preparativo para os Jogos Olímpicos, tinha como base a interatividade do conteúdo. Essas etapas podem ser observadas nas imagens abaixo.

⁵ Link para a matéria: <http://bit.ly/analisenexo1>

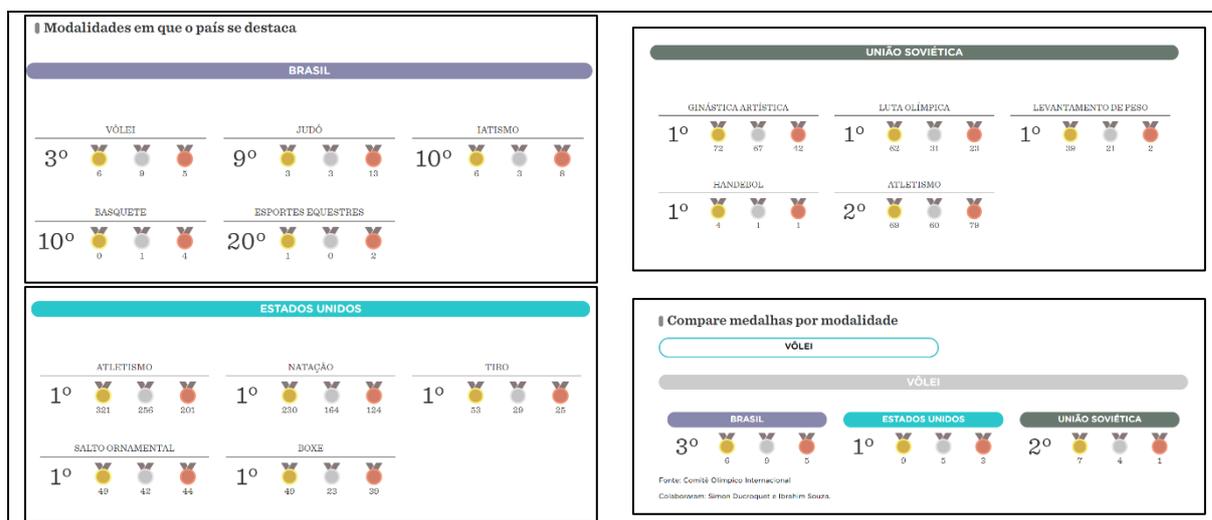
Figura 12: Medalhas do país por ano



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Após selecionar os países e gerar o gráfico, é possível que o modelo está baseado em dois eixos, a vertical corresponde ao número de medalhas por parte de cada país e na horizontal está o ano de cada edição. Baseado nessas duas variáveis é criada uma escala que permite comparar os países, o maior número da escala estará sempre relacionado ao país que obtiver o maior número de medalhas que nesse gráfico é os Estados Unidos, como evidenciado no gráfico acima, enquanto o menor número é zero.

Figura 13: Visualização do quadro de medalhas.



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

5.1.1 Como dados, interação e visualização geram contexto

Fazendo uma análise do processo de desenvolvimento da matéria é possível construir algumas hipóteses de desenvolvimento do conteúdo e de sua estrutura enquanto texto jornalístico. Partindo do pressuposto que, por se tratar de jornalismo guiado por dados, existe uma base de informações por trás, será feita uma análise de processos dessa matéria em específico.

Em primeiro lugar, cabe destacar que a base de dados original para matéria é do COI (Comitê Olímpico Internacional), organização responsável por promover e organizar os Jogos Olímpicos a cada quatro anos. Nesse ponto, a base reunia dados de 30 edições em relação a todos os países participantes e seu histórico relacionado aos Jogos, mas apenas como base de dados.

Compreendendo o conceito da pirâmide invertida de jornalismo de dados (BRADSHAW, 2011), vamos tentar mapear os processos envolvidos em cada fase. Em relação a equipe⁶ envolvida, foram três pessoas responsáveis pela matéria: Daniel Mariani, no papel de cientista de dados, Wellington Freitas, como desenvolvedor e Camilo Rocha, repórter especial. Além de Simon Ducroquet, designer e Ibrahim Souza, editor de tecnologia, ambos creditados como colaboradores.

Avançando em relação aos processos da pirâmide invertida (BRADSHAW, 2011), o primeiro passo é a compilação, nesse ponto é possível que tenham sido organizados os dados em relação aos países, uma vez que o objetivo estabelecido pela matéria seja comparar uns aos outros. A limpeza de dados enquanto processo possivelmente foi feita para eliminar ruídos e problemas relacionados aos dados em sua organização, como elementos duplicados ou vazios, além de eliminação de conteúdos que não façam parte da matéria.

Sobre o contexto, mesmo que seja uma suposição, é a ideia de entender o que essa base de dados representa dentro do contexto da editoria dos Jogos Olímpicos do Nexo e qual o seu papel enquanto conteúdo, trata-se de um processo que busca estabelecer a metodologia de organização, assim como observações sobre

⁶ Pesquisa feita na internet utilizando Twitter e LinkedIn dos nomes citados na matéria e suas respectivas funções ou editoria “sobre” do jornal Nexo. Não é possível afirmar de maneira precisa a contribuição de cada um para os processos.

possíveis problemas das comparações. Entrando em um exemplo prático sobre ressalvas e problemas, está o período de participação da União Soviética como uma observação que aparece quando o país é escolhido para comparação entre os demais. Como último processo dessa primeira etapa da pirâmide invertida, está a combinação na qual deve ter sido construída a relação e possibilidade de comparação direta entre os países.

Entrando na segunda etapa de comunicação existe um fator que modifica todos os subsequentes, trata-se da interatividade. A primeira parte da pirâmide invertida é construída nos moldes do Nexo como um projeto que pode ser combinado, organizado e personalizado através da interatividade, pois a visualização e personalização do processo de comunicação são feitas pelo usuário. Dessa forma a matéria foi construída através da ideia de consulta ao banco de dados, organizada e produzida com objetivo de fornecer as informações base para a escolha do leitor, caracterizando assim um contexto próprio.

5.1.2 O objetivo de gerar contexto através de dados, interação e visualização de dados é atingido?

O objetivo não é atingido. Quando selecionada a editoria dos Jogos Olímpicos para análise, foi feita uma escolha que priorizou a ideia de velocidade, pois eventos de repercussão mundial possuem a característica de serem transmitidos em tempo real. O ponto chave da pesquisa foi analisar um contexto individual que é construído através da interatividade e da visualização de dados, mas acaba sendo incompleto devido à falta de contexto e informações complementares.

Analisando a matéria, falta contexto do ponto de vista jornalístico. A interatividade aparece como um fator importante que de fato acontece. Mas sem informações complementares, a matéria é superficial e incompleta do ponto de vista jornalístico. Por exemplo, comparar os países são apenas números relacionados em gráficos com cores diferentes, o diferencial seria explicações e variações nos dados analisados.

Falando objetivamente do número de medalhas por países no primeiro gráfico, existe um fato interessante que explica a inexistência de medalhas por parte dos Estados Unidos em 1980. Trata-se do boicote aos Jogos Olímpicos de Moscou, organizado e sediado pela União Soviética. Na edição seguinte, em 1984 o movimento

oposto acontece, os Jogos Olímpicos são sediados em Los Angeles, nos Estados Unidos, e a União Soviética boicota.

Com um exemplo relacionado à história, é possível construir conceito para os gráficos e seus números. A ideia de relacionar dados é, sim, relevante, mas a maneira com que ela foi construída não favorece a visualização de dados nos conceitos estabelecidos por Cairo (2016). Cumpre os requisitos de veracidade, funcionalidade e beleza, mas deixa a desejar sobre perspicácia e capacidade de esclarecimento, uma vez que o contexto não seja melhor explorado pelas ferramentas desenvolvidas.

Fazendo um exercício de possibilidades, uma alternativa em relação a isso seria a criação de uma linha do tempo sobre os principais aspectos de cada país e seus destaques em relação à participação nos Jogos Olímpicos. Evidentemente isso exigiria recursos e tempo, mas pensando no ponto de vista de continuidade, valeria a pena em relação a longo prazo, pois poderia ser desenvolvida uma matéria que seria atualizada e construída com o passar do tempo.

Levando esses aspectos em consideração, o potencial da matéria enquanto jornalismo não foi bem explorado. Existe informação, mas sem contexto as informações se perdem e a sensação produzida é o fato de que só existe um recurso capaz de gerar visualização, mas sem efetivo resultado de contexto. Como comparação, não existe diferença entre uma grande tabela com todos os países que agregue valores de medalhas e informações apresentadas nos gráficos quando comparados aos gráficos utilizados na matéria, a única diferença é a forma visualização. Portanto, deve-se olhar com atenção para uma matéria que visa otimizar a visualização de dados e pensar de forma estratégica em relação ao objetivo de gerar contexto.

5.2 ANÁLISE DA REPORTAGEM: “POR QUEM ESTAMOS TORCENDO NOS JOGOS OLÍMPICOS?”

A matéria⁷ se propõe a ser um conteúdo que explica em dados quem são os atletas brasileiros que participaram dos Jogos Olímpicos do Rio. É possível estabelecer filtros em duas etapas, o primeiro é baseado nas seguintes variáveis: modalidade, sexo, recebeu ou não auxílio Bolsa Pódio, esteve ou não nos Jogos Olímpicos de 2012, Região e Idade. Mas cabe ressaltar que é selecionável apenas um por vez.

⁷ Link para a matéria: <http://bit.ly/analisenexo2>

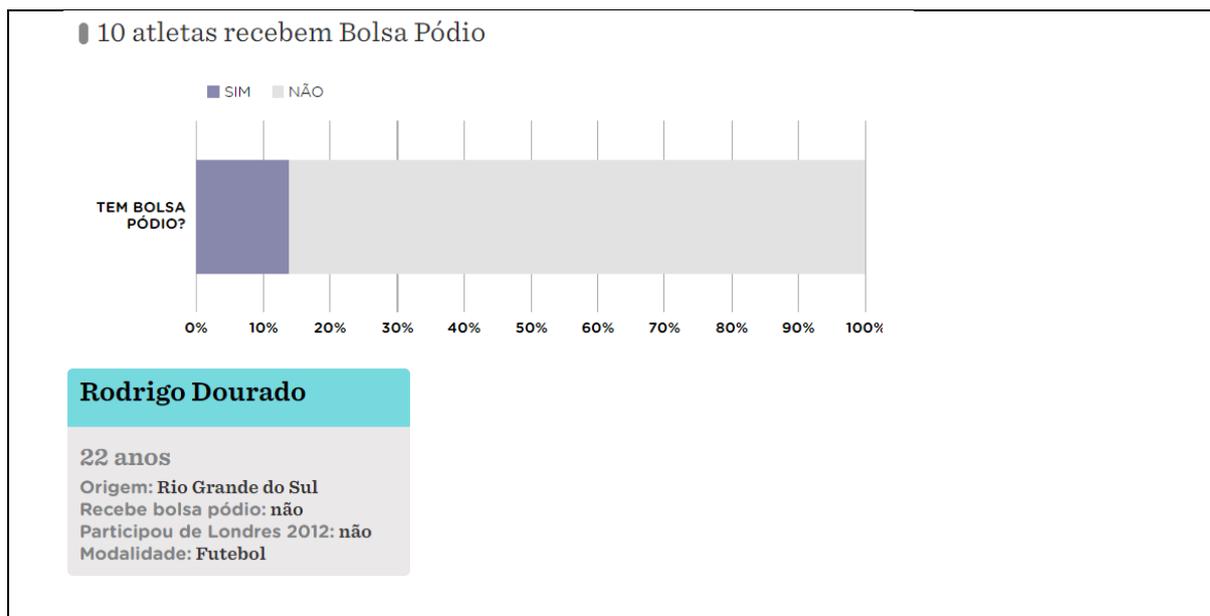
Além desses filtros, existem cinco visualizações que já estão presentes na matéria referentes às variáveis anteriores, mas essas visualizações não serão analisadas, uma vez que não foram selecionadas pelo leitor. A segunda etapa não é complexa, trata-se de selecionar o atleta.

Gerando um filtro e selecionando apenas atletas da região sul, obtemos as seguintes variáveis: sexo do atleta, número de atletas que recebem bolsa atleta, número de atletas que participaram dos jogos olímpicos de 2012 e faixa etária de atletas. Esses dados servem para conhecer o perfil da região, não são específicos ao ponto de proporcionar um detalhamento do perfil de atleta, tanto é que, ao selecionar o nome do atleta na segunda etapa, é possível visualizar os mesmos aspectos do primeiro filtro, mas aplicado a um único atleta.

Os gráficos gerados e as visualizações podem ser observadas abaixo:

Figura 14: Visualização do quadro proposto pela matéria através do filtro “Região Sul”.





Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

5.2.1 Como os dados, interação e visualização geram contexto

Buscando entender a formulação da matéria e sua construção jornalística é construir hipóteses baseada na teoria da pirâmide invertida (BRADSHAW, 2011). A base de dados utilizadas foi do COB (Comitê Olímpico Brasileiro) e possui filtros que são reflexos da compilação e limpeza de dados executada. Os filtros são: modalidade, sexo, bolsa pódio ou sua não utilização, esteve em Londres ou não, região do país e idade que varia de 16 a 54, contabilizando um total de 466 atletas cadastrados. Os autores da matéria são: Camilo Rocha, repórter especial, Wellington Freitas, desenvolvedor, e Simon Ducroquet, designer. O conteúdo produzido em parceria com a Agência Lupa e os colaboradores são Raphael Kapa da Agência Lupa, e Ibrahim Souza, editor de tecnologia, de acordo com a creditação do site.

Enquanto contexto, a matéria entrega o que propõe, mas existem limitações claras em sua construção. O contexto nesse caso é a sistematização de dados ao ponto de gerar uma visualização, principal forma de comunicação na segunda etapa da pirâmide invertida, que vai do menos específico até o mais específico. Essas informações estão estruturadas na primeira etapa da pirâmide e estão no banco de dados de maneira inativa, através da seleção de conteúdos pelo leitor existe uma ativação dos dados, essa é a interação que determinará o resultado final enquanto visualização do conteúdo.

Chegando na etapa de comunicação (BRADSHAW, 2011) como um tempo, percebemos a visualização como resultado mais evidente. A narração, socialização e humanização ficam em segundo plano enquanto critério da pirâmide invertida, nessa matéria. O que ganha espaço é a personalização e criação de ferramenta autoral, mas que não favorece o contexto como poderia pois faltam dados que informem o porquê das escolhas ao longo da matéria. Nessa perspectiva o texto fornece mais perguntas que respostas, comprometendo a experiência. Fazendo uma leitura analítica e fria em relação a propostas, trata-se de uma base de dados interativa que gera visualização, mas não aparenta ser uma matéria pela ausência de contexto em relação às informações apresentadas.

Não existe reflexão em relação aos números, não é escrito texto de apoio e isso dificulta a análise em relação aos critérios propostos por Cairo (2016). Levando em conta que a visualização deve ser perspicaz e esclarecedora, essa matéria apenas apresenta um design bonito, mas deixa a desejar no critério de conteúdo do material.

5.2.2 O objetivo de gerar contexto através dos dados, interação e visualização de dados é atingido?

A matéria não entrega contexto e proporciona mais perguntas do que esclarecimentos, dessa forma o objetivo não é atingido. Fazendo ponderações, o contexto da informação como um todo está bem trabalhado, mas não permite um recorte mais específico por parte do leitor, com embasamento de informações. O número de possibilidades é limitada e conseqüentemente a análise e inferência em relação ao conteúdo também, trata-se de uma matéria bem organizada em termos de dados, mas só. Levando em consideração a experiência contextual (FINK; SCHUDSON, 2014) e interativa, a matéria não atinge todo o potencial que lhe é oferecido, uma vez que seja comprometida pela ausência de conteúdo.

Poderiam existir textos que explicassem de onde vem a maioria dos atletas e por qual motivo, ou qual o motivo para ter maior número de atletas de canoagem em uma região específica, por exemplo. Jornalisticamente é compreensível os critérios utilizados para construção da interatividade, mas quando aprofundamos a proposta da editoria e buscamos teóricos que justifiquem a utilização de conteúdos específicos

e teóricos do jornalismo de dados (BRADSHAW, 2011), percebemos que existem fragilidades na perspectiva de dados, visualização (CAIRO, 2016) e contexto (FINK; SCHUDSON, 2014).

Existe interatividade em algum momento da matéria, mas ela é utilizada apenas como recurso e não como um instrumento de potencialização do jornalismo, perdendo seu valor enquanto conteúdo e contexto. Dessa forma, deixa a desejar e não atinge a expectativa que a editoria se propõe com um título que destaca o uso de gráficos e conteúdos interativos.

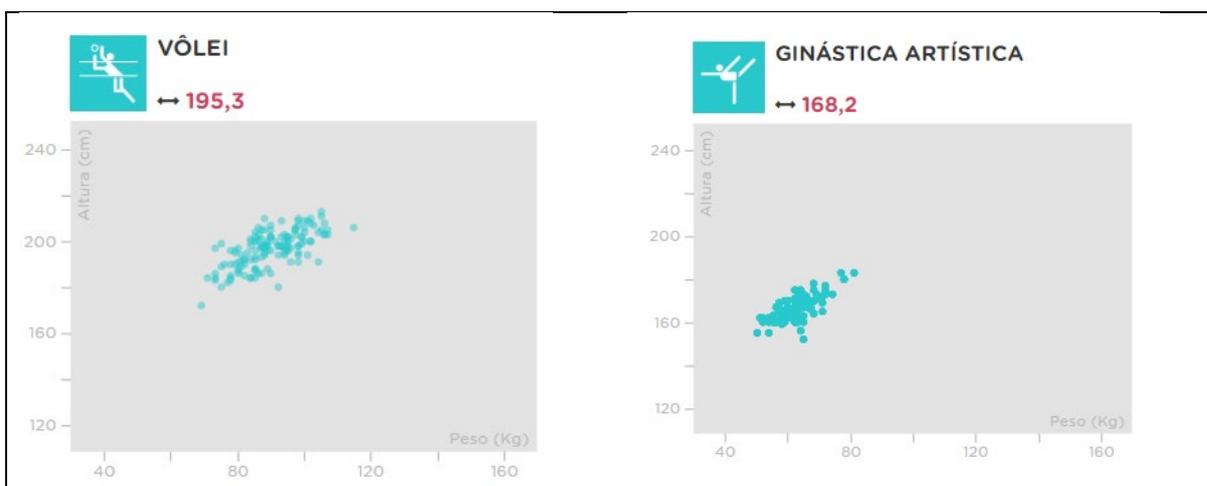
5.3 ANÁLISE DA REPORTAGEM: “QUAL ESPORTE COMBINA MAIS COM MEU CORPO?”

O conteúdo⁸ está baseado nas variáveis de peso e altura. Utilizando essas duas informações que devem ser fornecidas pelo leitor, o site gera diversos gráficos de dispersão que são caracterizados por posicionar valores dentro de um parâmetro pré-determinado. Por exemplo, no caso da matéria, o eixo vertical posiciona a altura informada enquanto o eixo horizontal está relacionado ao peso. Dessa forma, quanto maior a altura, mais alto o valor estará posicionado dentro do gráfico no eixo vertical, o mesmo vale para o peso quando relacionado ao eixo horizontal. A ideia é utilizar a altura na vertical e peso na horizontal como parâmetros que determinam um índice de proximidade em relação aos demais atletas, cada gráfico remete a uma modalidade específica.

Como exemplo, é possível observar os gráficos abaixo:

⁸ Link para a matéria: <http://bit.ly/analisenexo3>

Figura 15: Visualização da matéria com as variáveis de peso e altura.



Fonte: Nexo (2019). Gerado pelo autor.

Levando em conta os aspectos considerados nessa matéria, o alto grau de contexto é muito interessante, são gerados 20 gráficos que correspondem a diferentes esportes e são colocados em ordem de acordo com o índice de proximidade que está em vermelho nos gráficos. Portanto, além de gerar gráfico o índice de proximidade que faz essa classificação, ele é resultado da média das distâncias entre o ponto inserido (peso e altura) e os pontos dos atletas daquela modalidade.

5.3.1 Como os dados, interação e visualização geram contexto

Pensando em base de dados, foram utilizados valores fornecidos pelo Comitê Rio 2016, então, presume-se que os atletas utilizados para comparação são todos dos Jogos Olímpicos do Rio e tem como recorte o ano de 2016. Tentando mapear os processos, a equipe⁹ que participou do processo é: Ariel Tonglet enquanto web designer, Daniel Mariani como cientista de dados, Simon Ducroquet, designer e Murilo Roncolato, jornalista. Como colaboradora está creditada Catarina Pignato, infografista.

Tentando refazer a pirâmide invertida proposta por Bradshaw (2011), faremos um olhar sobre a matéria que melhor performou ao utilizar dados, interação e visualização no mesmo material. Considerando o primeiro passo, responsável pela compilação, podemos afirmar que foram utilizados atletas de 20 esportes e dois dados de

⁹ Pesquisa feita na internet utilizando Twitter e LinkedIn dos nomes citados na matéria e suas respectivas funções, não é possível afirmar de maneira precisa a contribuição de cada um para os processos.

cada um: altura e peso. Nesse ponto, é possível afirmar que foi feita uma limpeza nos dados e descartado todo conteúdo e ruído que atrapalhava a construção da base de dados que seria utilizada.

Sobre contexto, a matéria tem essa característica como seu principal potencial, pois com apenas dois valores é calculada uma nota denominada “índice de proximidade” que posiciona o leitor dentro do contexto da base de dados utilizada. Avançando no contexto existe a combinação que pode ser definida como a posição do leitor em relação aos atletas através da altura e do peso. Dessa maneira avançamos para a segunda etapa, a comunicação.

O primeiro desses processos é a visualização que está evidenciada pelos gráficos já apresentados, enquanto a humanização, personalização e utilização estão diretamente ligados ao sistema de interatividade que é proporcionado pelos dados fornecidos ao Nexo para a criação de algo individual. Dessa forma, a interatividade é utilizada como um mecanismo que busca dados na base e fornece uma visualização personalizada para o leitor, funcionando como a materialização de um contexto próprio.

5.3.2 O objetivo de gerar contexto através dos dados, interação e visualização de dados é atingido?

O objetivo de gerar contexto é atingido, mas existem limitações em relação a isso. Por usar apenas peso e altura, a matéria se torna assertiva e fácil de ser correlacionada com o leitor em termos de complexidade de dados, trata-se de coordenadas que posicionam valores dentro de uma escala. Portanto, como objetivo de gerar contexto existe um critério que é fácil de ser replicado para outros esportes e estratégias, mas não relaciona as habilidades de cada pessoa com seu biotipo.

Nesse ponto a matéria poderia fornecer mais informações, textos e resumos sobre dietas, práticas e treinos de cada modalidade que servissem de exemplo para ilustrar cada um, pois existe um potencial que deixa de ser explorado que é a explicação do biotipo de cada esporte e sua relação com regras e critérios de avaliação enquanto modalidade. Ao utilizar apenas duas variáveis a matéria aumenta sua capacidade de agrupar pessoas em determinados contextos, mas diminui a especificidade da informação e qualidade dos critérios.

Enquanto conteúdo jornalístico é uma matéria inovadora que pode ser replicada em diversos formatos para outros conteúdos. Porém, é deixada a desejar enquanto texto e produção de material autoral de leitura ou até redirecionamento para outros desdobramentos que poderiam ser feitos. Finalizando a análise, é possível considerar que exista uma limitação técnica para isso e um nível considerável de programação e estruturação dessas informações, pois todas as matérias analisadas possuem pouco texto e contexto das informações.

6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente trabalho tinha como objetivo avaliar de que forma o contexto era potencializado pela interação e visualização de dados, mas isso não acontece na editoria intitulada “Os Jogos Olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo”, do jornal Nexo. O ponto alto do trabalho foi sistematizar conteúdos sobre jornalismo contextual, interatividade, jornalismo de dados e visualização de dados como critérios para análise de materiais inovadores como a editoria proposta pelo Nexo.

Enquanto aprendizado, existe uma série de questões como a revisão teórica do termo jornalismo contextual (FINK; SCHUDSON, 2014), definição e suas influências, ou seja, existe uma estruturação de novos conceitos que não são claros e estão em disputa no campo teórico do jornalismo. Analisando o jornalismo enquanto profissão, é possível afirmar que está em constante transformação através de novos gêneros, narrativas e propostas que estão sendo construídas, como por exemplo, a definição de jornalismo lento (PRAZERES, 2018). Ou até mesmo a reformulação de *gatekeeper* (WHITE, 1950) para *gatewatching* (BRUNS, 2014). Elementos que são diagnosticados ainda no relatório de jornalismo pós-industrial (ANDERSON; BELL; SHIRKY, 2013).

Compreendendo esse novo contexto de convergência (JENKINS, 2015) e utilizando elementos da Ciência da Informação para definição de fluxos da interatividade (BARRETO, 2002) foi possível entender minimamente os processos que envolvem consumo e absorção da informação para então refletir as etapas e processo na concepção de conteúdo, critério utilizado para análise do capítulo 5. Outro ponto de fundamental do trabalho é a construção de argumentos baseados em visualização de dados (CAIRO, 2016) e jornalismo de dados (BRADSHAW, 2011) que foram utilizados como critério para análise e são recentes enquanto conceitos, mas fundamentais para a pesquisa como um todo. Diferenciar os processos que envolvem concepção de um banco de dados e reconstruir os processos através de hipóteses servem como exercício para mapear problemas e pontos assertivos na construção do conteúdo.

Dessa forma chegamos à ideia de que a interatividade potencializa o conteúdo do contexto através da visualização de dados. Essa premissa utilizada ao longo do trabalho não se manteve quando aplicada à editoria analisada no último capítulo, em princípio por problemas das matérias escolhidas para análise. Analisando matérias

que estão posicionadas em capítulos sobre a interatividade, por exemplo, o contexto é sim potencializado, mesmo que com limitações.

A editoria analisada se mostrou incoerente quando analisada em números, por exemplo, de 59 matérias, apenas 14 apresentam algum uso de visualização de dados, correspondendo a 23,7% das matérias da editoria. Em relação à interatividade, apenas seis possuem algum grau mínimo de interatividade, correspondendo a 10,1% das matérias apresentadas. Sendo mais específico e entrando no recorte específico do trabalho, no que diz respeito aos objetivos, apenas três apresentam interatividade e dados, correspondendo a 5% do total de matérias apresentadas em uma única editoria.

Considerando os números acima, é possível dizer que o nome da editoria atribui muito mais valor a ela enquanto conteúdo do que efetivamente entrega. Analisando os números, a maior parte da editoria não é composta pelos conteúdos que se propõe a entregar. Enquanto jornalismo é possível questionar decisão editorial trás dessa atitude. Não é possível afirmar de maneira concreta, mas levanta a suspeita sobre o quanto é marketing e o quanto existe de entrega por parte do jornal.

Voltando ao aspecto de construção da interatividade como potencial para o jornalismo contextual utilizando a visualização de dados, ainda é possível afirmar que exista sim essa possibilidade, mas que não foi comprovada devido à utilização de um material que não comporta essas características. Do ponto de vista acadêmico, o mais interessante foi partir com uma visão, colocar os resultados a prova e não confirmar o que era esperado, alimentando os critérios com embasamento e conteúdo. É visível a construção da metodologia como um processo de amadurecimento enquanto pesquisa que visa a resolução de problemas e análise de conteúdo jornalístico.

7 REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDERSON, Christopher W.; BELL, Emily; SHIRKY, Clay. Jornalismo pós-industrial: adaptação aos novos tempos. **Revista de Jornalismo ESPM**. São Paulo: v. 5, p. 30-89, 2013.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 1970, 229 p.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. A condição da informação. **São Paulo em Perspectiva**, v. 16, n. 3, p. 67-74, 2002. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0102-88392002000300010>. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392002000300010>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

BARRETO, Aldo de Albuquerque. Mudança estrutural no fluxo do conhecimento: a comunicação eletrônica. **Ciência da informação**, v. 27, n. 2, p. 122-127, 1998. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651998000200003>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v27n2/barreto.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

BRADSHAW, Paul. The inverted pyramid of data journalism. **Online Journalism Blog**, v. 7, 2011. Disponível em: <<https://onlinejournalismblog.com/2011/07/07/the-inverted-pyramid-of-data-journalism/>>. Acesso: 15 de junho de 2019.

BRUNS, Axel. Gatekeeping, gatwatching, realimentação em tempo real: novos desafios para o jornalismo. **Brazilian Journalism Research**, v. 10, n. 2, p. 224-247, 2014. DOI: <https://doi.org/10.25200/BJR.v10n2.2014.750>. Disponível em: <<https://bjr.sbpjor.org.br/bjr/article/view/750>>. Acesso em: 25 maio de 2019.

BORKO, Harold. Information science: what is it? In: **American documentation**, v. 19, n. 1, p. 3-5, 1968. DOI: <https://doi.org/10.1002/asi.5090190103>. Disponível em: <<https://onlinelibrary.wiley.com/doi/abs/10.1002/asi.5090190103>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

CAIRO, Alberto. **The Functional Art**: An introduction to information graphics and visualization. New Riders, 2016. Paginação irregular.

CANAVILHAS, João Messias. **Webjornalismo**: Considerações sobre jornalismo na web. Disponível em: <<http://www.bocc.ubi.pt/pag/canavilhas-joao-webjornal.pdf>>. Acesso em: 18 out. 2018.

CANAVILHAS, João et al (Org.). **Webjornalismo**: 7 características que marcaram a diferença. Covilhã: Livros Labcom Books, 2014. 196 p. (Jornalismo). ISBN: 978-989-654-144-6. Disponível em: <<http://repositorio.asces.edu.br/bitstream/123456789/1691/1/Livro%20Webjornalismo%20EDITORA%C3%87%C3%83O.pdf>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

CANAVILHAS, João et al. Jornalistas e tecnoatores: dois mundos, duas culturas, um objetivo. **Esferas**, n. 5, 2014. DOI: [tp://dx.doi.org/10.19174/esf.v0i5.5690](http://dx.doi.org/10.19174/esf.v0i5.5690). Disponível em: <<https://portalrevistas.ucb.br/index.php/esf/article/view/5690/3630>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

CASTELLS, Manuel. **The Internet galaxy: Reflections on the Internet, business, and society**. Oxford University Press on Demand, 2002.

CHAKRABORTY, Abhijnan et al. Stop clickbait: Detecting and preventing clickbaits in online news media. In: **2016 IEEE/ACM International Conference on Advances in Social Networks Analysis and Mining (ASONAM)**. IEEE, 0216. p. 9-16.

DIAS, Cláudia Augusto. Hipertexto: evolução histórica e efeitos sociais. **Ciência da informação**, v. 28, n. 3, pg 269-277, 1999. DOI: <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-19651999000300004>. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ci/v28n3/v28n3a4.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

DONINI, Marcela. O Nexo Jornal reafirma a possibilidade de debate público. In: **Farol Jornalismo**. Disponível em: <<https://medium.com/farol-jornalismo/nexo-jornal-reafirma-a-possibilidade-do-debate-p%C3%BAblico-80696b21a7c5>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

ENNE, Ana Lucia. **O sensacionalismo como processo cultural**. Revista ECO-Pós, v. 10, n. 2, 2007.

FINK, Katherine; SCHUDSON, Michael. The rise of contextual journalism, 1950s–2000s. **Journalism**, v. 15, n. 1, p. 3-20, 2014. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884913479015>. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884913479015>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

FORDE, Kathy Roberts. Discovering the explanatory report in American newspapers. **Journalism Practice**, v. 1, n. 2, p. 227-244, 2007. DOI: <https://doi.org/10.1080/17512780701275531>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512780701275531?scroll=top&needAccess=true>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

HOW WE MAKE VOX. In: **Vox**. Disponível em: <<https://www.vox.com/2014/3/30/5564404/how-we-make-vox>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

GRAY, Jonathan; BOUNEGRU, Liliana; CHAMBERS, Lucy. **The Data Journalism Handbook**. 2012. Disponível em: <<https://datajournalismhandbook.org/handbook/one>>. Acesso em: 08 abr. 2019.

GRANT, Adam. **Originais: como os inconformistas mudam o mundo**. Sextante, 2017.

GEHRKE, Marília. **O uso de fontes documentais no jornalismo guiado por dados**. 2018. Disponível em: <<https://www.lume.ufrgs.br/handle/10183/172614>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

HOEWELL, Gabriel Rizzo. **A configuração da informação no contexto da convergência jornalística: uma análise do Nexo**. 2018. 186 f. Dissertação (Mestrado em Comunicação Social) Faculdade de Biblioteconomia e comunicação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2018.

HUNTER, Mark Lee. **"A investigação a partir de histórias."** Um manual para jornalistas investigativos. França: Unesco Publishing (2013). Disponível em: <https://www.fenaj.org.br/wp-content/uploads/2014/03/manual_unesco.pdf>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

ICIJ TO BUILD GLOBAL I-HUB, A NEW SECURE COLLABORATION TOOL. *In: International Consortium of Investigative Journalists*. Disponível em: <<https://www.icij.org/blog/2014/07/icij-build-global-i-hub-new-secure-collaboration-tool/>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

JARVIS, Jeff. Se eu tivesse um jornal. *In: Farol Jornalismo*. Traduzido por Marcelo Fontoura. Disponível em: <<https://medium.com/farol-jornalismo/jeff-jarvis-se-eu-tivesse-um-jornal-4a13ab2a6eab>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

JARVIS, Jeff. The Pricing Paradox of Information. *In: Geeks Bearing Gifts*. Disponível em: <<https://medium.com/geeks-bearing-gifts/the-pricing-paradox-of-information-1ace4fbc9ff>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

JENKINS, Henry. **Cultura da convergência**. São Paulo: Aleph, 2015.

LE MASURIER, Megan. What is slow journalism? **Journalism practice**, v. 9, n. 2, p. 138-152, 2015. DOI: <https://doi.org/10.1080/17512786.2014.916471>. Disponível em: <<https://www.tandfonline.com/doi/full/10.1080/17512786.2014.916471>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

LANTZ, Janessa. 8 Strategies to Survive in the Attention Economy. *In: Thinkgrowth.Org*. Disponível em: <<https://thinkgrowth.org/look-over-here-8-strategies-to-survive-in-the-attention-economy-7a08a9ad39cd>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

LÓPEZ, Fabiola Torres. How They Did It: Methods and Tools Used to Investigate the Paradise Papers. **Global Investigative Journalism Network**. [s. l.], p. 1-1. 4 dez. 2017. Disponível em: <<https://gijn.org/2017/12/04/paradise-papers/>>. Acesso em: 22 jun. 2019.

LÜCKMAN, Ana Paula; DA SILVEIRA FONSECA, Virginia Pradelina. Contexto e contextualização no Jornalismo: uma proposta conceitual. **Estudos em Jornalismo e Mídia**, v. 14, n. 2, p. 162-174, 2017. DOI: <https://doi.org/10.5007/1984-6924.2017v14n2p162>. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/jornalismo/article/view/1984-6924.2017v14n2p162>>. Acesso em: 25 maio de 2019.

MANUAL DE CREDIBILIDADE JORNALÍSTICA. Disponível em: <<https://www.manualdacredibilidade.com.br/>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

MCINTYRE, Karen; DAHMEN, Nicole Smith; ABDENOUR, Jesse. The contextualist function: US newspaper journalists value social responsibility. **Journalism**, v. 19, n. 12, p. 1657-1675, 2018. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884916683553>. Disponível em: <<https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884916683553>>.

MEYER, Philip. **Precision journalism: A reporter's introduction to social science methods**. Rowman & Littlefield, 2002.

DWECK, Carol S. **Mindset: The new psychology of success**. Random House Digital, Inc., 2008.

MORETZSOHN, Sylvia. **Jornalismo em "tempo real": O fetiche da velocidade**. Editora Revan, 2002.

NEXO JORNAL. Nexo. **Sobre o NEXO**. São Paulo, [2018]. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/about/Sobre-o-Nexo>>. Acesso em: 21 out. 2018.

NEXO JORNAL. **Os Jogos Olímpicos em textos, gráficos, vídeos e material interativo**. São Paulo, [2018]. Disponível em: <<https://www.nexojornal.com.br/extra/2016/08/05/Os-Jogos-Ol%C3%ADmpicos-em-textos-gr%C3%A1ficos-v%C3%ADdeos-e-material-interativo>>. Acesso em: 15 out. 2018.

OXFORD. **Word of the year 2016 is**. Disponível em: <<https://en.oxforddictionaries.com/word-of-the-year/word-of-the-year-2016>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DO RIO GRANDE DO SUL. Biblioteca Central Ir. José Otão. **Modelo para apresentação de citações em documentos elaborado pela Biblioteca Central Irmão José Otão. 2017**. Disponível em: <<http://www.pucrs.br/biblioteca/modelos>>. Acesso em: 6 out. 2018.

PRAZERES, Michelle. Jornalismo lento—Mapeando tensões entre velocidade e comunicação em ambientes digitais. **PAULUS: Revista de Comunicação da FAPCOM**, v. 2, n. 4, p. 125-140, 2018. DOI: <http://dx.doi.org/10.31657/rcp.v2i4.71>. Disponível em: <<https://fapcom.edu.br/revista-paulus/index.php/revista-paulus/article/view/71>>. Acesso em: 25 de maio.

RAUCH, Jennifer. The Origin of Slow Media: Early Diffusion of a Cultural Innovation through Popular and Press Discourse, 2002-2010. **Transformations**, n. 20, 2011. Disponível em: <http://www.transformationsjournal.org/issue-20/>. Acesso: 25 de maio de 2019.

RAMONET, Ignacio. **A tirania da comunicação**. Petrópolis: Vozes, 1999. Traduzido por Lúcia Mathilde Endlich Orth. Título original: La tyrannie de la communication.

ROGERS, Simon. John Snow's data journalism: the cholera changed the world. **The Guardian**. 2013. Disponível em: <<https://www.theguardian.com/news/datablog/2013/mar/15/john-snow-cholera-map>>. Acesso em: 19 de junho de 2019.

SALGADO, Susana; STRÖMBÄCK, Jesper. Interpretive journalism: A review of concepts, operationalizations and key findings. **Journalism**, v. 13, n. 2, p. 144-161, 2012. DOI: <https://doi.org/10.1177/1464884911427797>. Disponível: <https://journals.sagepub.com/doi/full/10.1177/1464884911427797>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

SIMON, H. A. Designing Organizations for an Information Rich World. *In: GREENBERGER, Martin (org.). **Computers, communications, and the public interest.*** Baltimore: Johns Hopkins University Press, 1971. cap. 2, p.37-72.

SNOW, John. **On the mode of communication of cholera.** John Churchill, 1855. Disponível em: <<https://collections.nlm.nih.gov/ext/cholera/PDF/0050707.pdf>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.

JOHNSON, Steven. **De onde vêm as boas ideias: Uma história natural da inovação.** Zahar, 2011.

STUMPF, Ida Regina C. Pesquisa Bibliográfica. *In: DUARTE, Jorge; BARROS, Antônio (Org.). **Métodos e técnicas de pesquisa em comunicação.*** 2. ed. São Paulo: Atlas, 2008. Cap. 3. p. 51-61.

WANG, Shang. Com reportagens inteligentes e explicativas, jornal brasileiro cria nicho único de notícias. *In: **Nieman Lab.*** Disponível em: <<https://www.niemanlab.org/2017/08/com-reportagens-inteligentes-e-explicativas-jornal-brasileiro-cria-nicho-unico-de-noticias/>>. Acesso em: 25 de maio de 2019.



Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
Pró-Reitoria de Graduação
Av. Ipiranga, 6681 - Prédio 1 - 3º. andar
Porto Alegre - RS - Brasil
Fone: (51) 3320-3500 - Fax: (51) 3339-1564
E-mail: prograd@pucrs.br
Site: www.pucrs.br